

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIENCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

Beatriz Nunes Oliveira Holanda

**Inversão e Subversão de Gênero no mundo virtual**

Brasília  
2023

Beatriz Nunes Oliveira Holanda

### **Inversão e Subversão de Gênero no mundo virtual**

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Schroeter  
Simião

Brasília  
2023

# **Inversão e Subversão de Gênero no mundo virtual**

Beatriz Nunes Oliveira Holanda

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Professor Dr. Daniel Schroeter Simião  
Departamento de Antropologia – UnB

---

Professor Dr. Yago Quiñones Triana  
Departamento de Antropologia - Unb

## **AGRADECIMENTOS**

Antes de tudo, gostaria de agradecer aos meus interlocutores e interlocutoras, a comunidade LGBTQIA+ e as redes cibernéticas por tornarem esse trabalho possível. Se não fosse a interligação entre esses mundos nada poderia ter acontecido. Gostaria também de agradecer a paciência e carinho do meu orientador Daniel Schroeter Simião.

Um agradecimento especial ao meu confidente e parceiro de jornada Matheus Ronchi, sem ele a minha experiência e confiança para continuar a pesquisa não teria se mantido.

A Ana Cecília Rodrigues, uma grande amiga e antiga colega de faculdade que me ajudou e me sustentou durante grande parte da pesquisa e me manteve são durante meus períodos mais caóticos.

E por fim, a meu grande amigo Aurélio Otávio, que mesmo distante se fez presente e me mostrou a potência das redes cibernéticas, sendo a motivação e origem da pesquisa, sem ele, nada seria o que é.

Obrigado a todos.

**Resumo:**

O presente trabalho busca adentrar as redes cibernéticas artificiais que constroem um mundo paralelo ao mundo material, que permitem com que indivíduos se conectem, criem laços afetivos, construam suas identidades e se movimentam de forma política e social. Esses sistemas e redes, criados a partir da relação de interessoalidade entre sujeitos e máquina, geram rugosidades e dissonâncias em construções históricas de relações culturais e sociais hegemônicas de poder e opressão. A partir de cuidadosa revisão de literatura e experimento etnográfico, foram recolhidos conjuntos de informações, relatos e observações que tornam pertinente o questionamento de determinados relacionamentos, sistemas e instituições.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	<b>7</b>
Eu também sou humano.....	11
Perspectivas teóricas acerca de gênero.....	11
<b>Capítulo 2: O underground cibernético</b> .....	<b>27</b>
Um passeio no Underground.....	27
Vamos falar sobre interseccionalidade?.....	30
A virtualidade em campo.....	33
<b>Conclusão</b> .....	<b>46</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>50</b>

## Introdução

As redes de conexões em volta do termo “gênero” foram construídas de maneira variada ao decorrer da história de diferentes espaços, territórios e cosmologias. Com diversas imagens, simbolismos e alegorias, este conceito se manifesta sempre em relação a outros marcadores sociais também hierárquicos, como classe ou raça. Para ser entendido, Gênero, precisa sempre estar dentro do contexto social em que está sendo analisado e ser visto com relação a outros marcadores sociais também hierárquicos. Por ser um termo flutuante, este só faz sentido quando acompanhado.

Os estudos trilhados acerca do conceito permitiram as mais complexas descobertas e investigações sobre o tema, que demonstraram que este conceito se firma em mutáveis e engenhosos pilares sociais. Os estudos sobre Gênero exploram as subjetividades e identidades de sujeitos que criam suas imagens e noções de “eu” através de um termo simbólico e imaterial, que tem consequências materiais e objetivas, e que pode ser também usado como instrumento analítico, o que será feito neste ensaio. A engenharia construída ao redor de Gênero funciona como uma potente máquina que transmite, transforma e traduz informações, uma grande cadeia de energia interligada que dissemina normas, padrões e rege a inteligibilidade.

Através das redes cibernéticas *underground*, que serão exploradas neste trabalho, é possível a imaginação de um mundo idealizado e “globalizado”. Com redes cibernéticas *underground* me refiro ao circuito paralelo, virtual e tecnológico, que é

criado através de redes sociais como *Twitter*, *Facebook*, *Instagram*, entre outras; Underground porque se refere a espaços imateriais, mas ao mesmo tempo materiais, que fogem do padrão hegemônico, e que são criados por indivíduos e sujeitos que também fogem deste padrão, pessoas dissidentes. São os fios que entrelaçam os indivíduos de maneira microscópica e invisíveis, mas visíveis e materiais, que formam palácios e cosmos que fogem do *status quo* e produzem rugosidades na hegemonia heterossexual cisnormativa. Esses laços e vínculos que são criados entre os indivíduos através destas redes cibernéticas ultrapassam o natural e o artificial, embora um computador seja um material de maneira particular também tem seus genes e fisiologia, fisionomia, representando um indivíduo, e se conectado a internet, vários. Essa junção entre máquina e natural cria uma afinidade que entre passa a subjetividade, o *underground* explora essa tecnologia corporal, visual, multimídia, linguística, transgressora e subversiva.

As redes cibernéticas *underground* são as comunidades subversivas da internet, as que ficam a margem, e conseguem construir um próprio mundo como subterfúgio para poder se desfazer com seus iguais das dores de suas vivências, adquirir mais manobras de sobrevivência e trocar experiências para consolidar relações. Nessas subcomunidades esses sujeitos dissidentes fazem amigos, encontram conforto, e encontram o afeto que no mundo não cibernético não lhes aparece, tudo isso apenas ao se conectar através de um computador.

As redes cibernéticas *underground* podem aparecer como potenciais ferramentas para transformação de sistemas hierárquicos binários de opressão, esses sujeitos que se interligam entre essas redes criam suas próprias sociedades, com seus próprios signos e linguagens. As interações e as conexões produzidas entre essas sociedades dissemina informações, ideias, conceitos e políticas de diferentes lugares, com diferentes formas e ontologias. Um polo de energia, que tem seu início de forma sutil, carrega um campo abstrato, que forma relações ao mesmo tempo materiais e imateriais, que permitem os indivíduos a compreenderem suas identidades, dialogarem entre si, e perpassarem suas subjetividades. Gênero, que já se apresenta como um conceito flutuante e dependente de contexto para ser analisado, no mundo virtual e tecnológico ele parece ser quase irreal e ao mesmo tempo essencial.

No mundo cibernético, Gênero é um tópico de alto valor de discussão, é um campo de debate amplo, um verdadeiro campo minado. A especialização acadêmica do movimento Transtravestigêner se manifesta a todo vapor, opiniões mais

contemporâneas, e entra diretamente em confronto com opiniões mais conservadoras, como se datadas dos anos 70 ou 60. Neste amplo campo de debate, a comunidade Trans é ofuscada, através do discurso principal da patologização, da heteronormatividade e da heterossexualidade compulsória e os indivíduos transgeneros são rendidos ao discurso hegemônico de universalidade das identidades transgêneras, onde ser transgênero é uma condição psíquica de saúde, uma condição patológica.

Gênero, como disseminado de forma hegemônica e controlando a inteligibilidade e a sociabilidade, pode ser entendido da forte relação entre sexo e gênero, que estipula a natureza como fundamental para o entendimento desta relação. Acredita-se que sexo seria um fator pré-existente á condição humana, um dado científico empírico, um fato apresentado do mundo como ele é. A relação entre Sexo e Gênero controlou e controla a maior parte dos estudos acerca do conceito de gênero, como se constrói essa relação, quais são seus caminhos e suas particularidades. A individualidade produzida no mundo cibernético underground acerca das linhas e das redes que envolvem gênero, propõem tornar as iniciativas de pesquisa mais enriquecedoras. As redes cibernéticas exploram caminhos de individualidades e subjetividades multiplicadas, que se constroem de forma coletiva e ativamente fabricando o próprio eu, identidade e corpo. As redes cibernéticas underground apresentam sujeitos que buscam a identificação através de linhas subjetivas e imaginárias, irreais, artificiais, virtuais; mas que se tornam reais, esses sujeitos buscam transformar esse processo hegemônico de opressão e construir ambientes seguros para pessoas dissidentes. Em campo, vi a potência dos projetos realizados através das redes sociais e aqui busco apresentá-los.

Escolhi realizar meu campo no sistema *underground* do Distrito Federal por reconhecer o sistema trans-revolucionário da territorialidade e pelo apreço a regionalidade. Em campo conheci a cena *underground* cibernética do Distrito Federal e como se constroem suas relações, quem são os sujeitos envolvidos, quais as suas movimentações políticas e quais as possíveis formas de transformação de estruturas de poder através de movimentos políticos, redes, indivíduos e grupos marginalizados. Quais seriam as possíveis propostas de transformação dentro de um sistema que opera em uma lógica centralizada em relações capitalistas de exploração e expropriação? Em campo essas redes, que parecem superficiais de início, se demonstram firmes construções, elaboradas e complexas. As teorias de afeto criadas através destas redes se demonstram determinantes para a criação de movimentações, debates e operações

políticas. Neste trabalho de campo, procurei me aprofundar nos laços que podem ser criados através dessas redes a fim compreender sujeitos e subjetividades, e também ambientes e estruturas, nas interseccionalidades dos debates, achando os possíveis métodos de subversões de sistemas

Através da pesquisa, pude observar o quão podem estar ativos contra a sustentabilidade do sistema, através de redes artificiais e microscópicas, e construir ações políticas e atender a demandas de movimentos porém, também apreendi de perto as contradições do movimento Transtravestigênera que ao mesmo tempo que luta por reivindicações pela fim da exclusão, se submete a operações e aceita políticas exclusivas, e as defende, independentemente dos motivos pelos qual os faz. Através da operação de aceitar políticas públicas que tornam determinados discursos, como a diferença natural e inegável entre os dois sexos, e a patologização, o fortalecimento da dissidência do discurso e do movimento Trans se fortalece, o que me levou a pensar, o que instiga esse pensamento colonial e necessidade de homogeneizar corpos? Um questionamento explorado durante este trabalho.

O papel fundamental da ciência e dos hospitais, do Sistema Único de Saúde (SUS) no entendimento dos direitos das pessoas Transtravestisgeneres no Brasil e no Distrito Federal se mostra como um importante motor na máquina e motivador no campo e arena de debates. É possível pesquisar e entrar nos caminhos complexos da legislação brasileira acerca do que garante e quais são os direitos de acesso de saúde de pessoas Trans no sistema, e quais as condições precisas para o acesso. Existe um mapa de possibilidades específicas e espaços que certos corpos podem e devem ocupar, e são espaços restritos, espaços que só lhes cabe ali. Esses locais foram estudados e analisados e apresentados neste projeto.

O campo foi construído de maneira tradicional e empírica, material, através de entrevistas e encontros presenciais, mas também, de maneira cibernética, através de interações e entrevistas online, gravações e mensagens. A construção do campo foi flutuante, feita de maneira natural e tecnológica, a exploração das identidades em um novo sistema biotecnológico de formação com dimensões ficcionais, porém, reais, que transporta o campo a qualquer momento para outro espaço/tempo. Dentro da territorialidade do Distrito Federal foram escolhidas regiões administrativas diferentes, a proposta com essa escolha foi apresentar variadas representatividades, a particularidade de cada região administrativa e seus entendimentos.

O universo de campo do projeto tem sua inteligibilidade apreendida por meio da descrição densa de trocas de experiências, criação de ideias e comparação de debates, que foram separadas e agrupadas em contextos para que possam decifrar e traduzir estruturas. As trocas de experiências, os discursos, os debates, e as interações entre a rede de atores, oferecem códigos e escrituras que convergem entre si, criam laços de afinidade e parentescos políticos. Os signos e códigos possuem suas significações próprias, e precisam de contexto para serem decifrados, onde o eu só faz lógica se existe o outro, para se fazer referência, se tornar inteligível. No campo existe uma linguagem própria, um sistema único de modelagem da língua, com as mais distintas e variáveis modelagens, e algumas sem tradução. Modelagens que representam palavras afirmativas, identidades, movimentos, sexualidades, novas ontologias, e possíveis formas de transgressão através da língua (WHORF, 1956).

Nessa pesquisa busquei explorar junto com grupo de transgêneres não-binários transmasculinos e transfemininos as redes “*underground*” de subjetividades cibernéticas, com suas próprias linguagens, técnicas, tecnologias, conhecimentos e cultura. O campo que se constrói de maneira fluida e é parte de um importante processo para os indivíduos, que vão se descobrindo junto com o campo e com as descobertas empíricas presenciais do próprio campo, das linguagens e dos sentidos, se transforma de maneira contínua e repetidas vezes no projeto. Através de uma via mão dupla, de uma troca sinérgica entre atores, o projeto de campo foi feito de maneira conjunta e coletiva, co-escritores e parceiros, que trilharam e percorreram juntos os caminhos exploratórios de Gênero. Os co-escritores e parceiros são os informantes e entrevistados, que como o campo, e eu, se transformaram no processo, na linguagem, e em suas subjetividades e identidades. O projeto descreveu e acompanhou esses processos, as redes *underground* cibernéticas ofereceram um importante papel nessa relação, e aparecem como motivadoras para possíveis métodos de transgressão e subversão de estruturas sistêmicas e epidêmicas, o atual projeto busca debater sobre essas redes.

O campo foi construído com sujeitos que conheci através dessas redes de comunicação, parceiros de co-criação que toparam participar do projeto e caminhar nos caminhos psicodélicos das teorias de gênero. Esses co-criadores são ativistas, grafiteiros, artistas de rua, artistas multimídia, músicos, produtores, atores (todos artistas independentes) e também universitários. Através do cuidado com as relações e os afetos, ideias conjuntas e trocas de experiências foram descritas na pesquisa, analisadas

e contextualizadas. Usar gênero como instrumento analítico social é adentrar espaços teóricos subjetivos, que intercalam debates entre natureza-cultura, humano e não-humano, cosmologia e política, identidades. Nesse trabalho, busca-se entender o impacto de um sistema epidêmico e hegemônico nas subjetividades de indivíduos transgêneros, trazer esse debate para destaque e com a regionalidade do Distrito Federal. Através das redes cibernéticas underground tive a oportunidade de me aprofundar neste universo, no presente trabalho, busco apresentar algumas observações que obtive em minha pesquisa.

Na primeira parte do trabalho, apresento algumas perspectivas teóricas acerca de Gênero e sobre a historicidade do termo. Por ser um conceito relacional e que precisa ser contextualizado, apresento os aspectos que considere mais relevantes para o encaminhamento da pesquisa. Com toda sua carga histórica, semântica e conceitual, apresento também algumas de suas aplicabilidades políticas e como se deu seu desenvolvimento no Brasil através dos anos 60 e 70, com a chegada do dito movimento feminista “desenvolvimentista” na América Latina. Nessa primeira parte do trabalho, foquei na historicidade do termo e suas movimentações, como se construíram algumas controvérsias e apresentar o campo minado que é este debate.

Após me aprofundar nas questões e debates dos movimentos LGBTQIA+, Intersex e Feminista, me proponho a discutir sobre a patologização e mercantilização de identidades, através das problemáticas apontadas pelo movimento Transtravestigenero ao Sistema Único de Saúde, a falta de acessibilidade a educação e quais as possíveis ferramentas para driblar um sistema opressor. Apresento então o *Underground Cibernético* e as possíveis ferramentas e maquinários que se apresentam como portas de escape em um mundo dominado por uma hegemonia binária. Por fim, apresento as fortes ligações que são construídas através de laços cibernéticos que transformam o imaterial em material, que questionam o espaço tempo, e que permitem com que indivíduos que são socialmente subjugados, corpos LGBTQIA+, encontrem refúgios e construam palácios nesse *Underground*, adquirindo um novo significado para família.

## **Eu também sou humano**

### **Perspectivas teóricas acerca de gênero.**

Em “Deshacer el Genero” (2002) de Judith Butler, a autora postula que de forma institucionalizada e hegemônica, Gênero, seria a construção teórica que se dá através da

relação entre sexo e gênero. Sexo, sendo um dado inquestionável e irreduzível em si mesmo, por qualificar características básicas corporais, morfológicas, visuais e invisíveis (com o passar do tempo, a engenharia para justificar a relação entre sexo-gênero foi se intensificando) é entendido exclusivamente em formatos binário, e que para isso são separadas duas características principais, axiomáticas e autoritárias com poder determinado por si e fortalecido em si, para a classificação dessas diferenças morfológicas (não são todas as características de diferenças entre os corpos levadas em conta, essas duas categorias principais e excludentes, são opostas e ditam o que se entende como sexo).

As duas características principais são: a necessidade da presença dos genótipos dos cromossomos XX (mulheres) ou XY (homens), e as necessidades das capacidades reprodutivas sexuais (e dos órgãos sexuais, também entendidos de forma binária, como podemos ver através do movimento Intersex) distinguíveis e aceitável para o padrão de imagem estética destes órgãos. Através da relação sexo-gênero é possível compreender as bases que constroem os comportamentos compulsórios estipulados em sociedades, comportamentos que são necessários para a continuidade da vivência camuflada na sociedade, encoberta, oculta. É preciso passar despercebido dentro da sociedade para não ser categorizado e excluído, se tornar subjacente ou descartável.

Dentro das análises dos estudos do espectro de gênero, a forte relação entre sexo-gênero é um grande alicerce para se entender o início dos estudos do conceito; para Butler, para ver esta relação é possível administrar e enxergar estas operações através da noção de regulamentações. Entretanto, para entender a regulamentação de gênero é preciso ver que ela acontece entre meios legais e também meios contratuais não-ditos sociais. Existem as regulamentações, normas e regras, e os contratos não ditos sociais, esses procedimentos são necessários para a vida cotidiana em sociedade, e são prorrogados antes do início da vida social.

Gênero nas sociedades “ocidentais” seria a construção teórica que toma partido através desse fato natural dado e inquestionável, seria um conjunto de símbolos e significados culturais que se manifestam através dessa diferença (entendida como exclusivamente binária) entre os dois sexos que são entendidos em certa medida (reprodutiva, biológica, “natural”) como complementares, mas em sua “essência” opostos. Natural nestas sociedades é tido como um sinônimo para a natureza, natureza, um termo bastante amplo, pode ser entendido como tudo que existe pré-condição humana ou não necessita desta para existir. A natureza se mostra como passiva e

domável aos caprichos humanos, porém, ao mesmo tempo um domínio que delimita suas próprias regras e vive de forma independente (STRATHERN, 1980).

A “essência” durante muito tempo foi entendida como a “natureza-humana”, como um dado empírico a-social e a-histórico que se referiria a um conjunto de comportamentos essenciais e não essenciais do indivíduo que precederam a inteligibilidade humana (BUTLER, 2002), seriam o sujeito antes de este ser marcado pela “cultura”, pela sociedade. Durante importantes períodos históricos, gênero foi considerado o termo que se tratava das diferenças essenciais e naturais, de caráter oposto e hierárquico, entre as duas diferentes apresentações de morfologias corporais sexuais (entendidas, de forma hegemônica, como as únicas possíveis), ou seja, gênero seria os estudos das diferenças entre os corpos sexuados e como essas diferenças se aplicam sobre os indivíduos. Gênero seria o estudo de como a cultura se aplicaria nesses corpos, o estudo de como esses caracteres sexuais ganham inteligibilidade, produzem símbolos, linguagens e normas. Gênero funcionaria como um operador que demarca esses corpos a-sociais e os tornaria sociais (STRATHERN, 1980)

Entretanto, ao adotarmos sexo como um fator dado “do mundo como ele é” e anterior a inteligibilidade ignoramos a própria história do termo, e também caímos no equívoco de universalizarmos esta suposta diferença entre natureza-cultura que é uma particularidade expressiva do Ocidente. Assumimos sexo como fator do sujeito unitário, o homem iluminista, e ao partir da análises de gênero desse pressuposto caímos em abordagens biologicistas e universalizantes de relações particulares de um recorte demográfico específico. Para se entender gênero é necessário abandonar esta noção de sexo como um fator a-social e o encarar também como construto social, um maquinário utilizado como forma de organização social que aparece em relação e em função de outras categorias organizacionais, frente a outros construtos sociais. Assumir que gênero-sexo fazem jus a uma natureza humana é acreditar na ideia de que existiria uma experiência humana universal e por consequência experiências do “feminino” e do “masculino” universais. Essa relação, este equívoco, durante um longo período de tempo comandou e comanda as principais ondas de estudos acerca de gênero. A ferramenta analítica e as possíveis traduções que Gênero pode abarcar não são suficientemente descritas por essa dicotomia natureza-cultura (STRATHERN, 1980), que se mostra tão ferrenha no ocidente para a elucidação de gênero que quando se é posto fora dessa dicotomia sobram-se abstrações a fim de tentar descrever o que seria o “feminino” ou o “masculino”.

Thomas Laqueur em seu livro “Inventando Sexo: Corpo e gênero, dos gregos a Freud” (2001) busca demarcar de forma cronológica na história de ferramentas de organização social da Europa onde exatamente se torna relevante na história da ciência, política, economia e tecnologia a separação dos dois sexos e a invenção da diferença natural entre os tipos de genótipos. Laqueur busca salientar que através do “mito da ciência” e da autoridade científica existe um giro epistemológico que com base em fundamentos políticos econômicos, se consolida como essa diferença como uma verdade empírica e hegemônica. Laqueur argumenta que a criação da distinção e oposição entre os sexos vem de uma mudança epistemológica e política de métodos analíticos sobre gênero e poder, a partir do final do século XVII e início do século XVIII onde a biologia passa a ser a verdade na qual o mundo da realidade metafísica refletia onde a sociedade se repousava. (LAQUEUR, 2001).

A ciência, após o Iluminismo, não simplesmente investigava, mas passava a criar suas próprias verdades como a oposição entre os dois sexos; Para Laqueur, qualquer estudo sobre as diferenças entre os sexos que não se reduza as características morfológicas e apele para as características psíquicas é suspeito ou no mínimo equivocado. Segundo o autor, no pré-Iluminismo, existia-se 2 gêneros, porém 1 sexo: Masculino, e este era dividido verticalmente. Homens cisgêneros como os primeiros na hierarquia e mulheres cisgêneras como segundo, consideradas homens com um corpo subdesenvolvido. Após a virada Iluminista, o autor argumenta que Sexo começa a ser a discussão principal associada as diferenças da natureza morfológica dos corpos e a justificativa das desigualdades sociais, conversação que antes era dominada por Gênero, visto que só se existia 1 Sexo. Gênero passa a ser a discussão associada às diferenças de ordem social, que nascem das diferenças naturais das fisiológicas corporais, que atravessam os corpos. Sexo como um dado empírico e natural, do mundo como ele é, e gênero como uma construção social.

Para isso, ele remete a textos históricos antigos de estudos biológicos como do médico e filósofo Cláudio Galeno em que diverso de seus escritos e representações ilustrativas afirmava que a morfologia reprodutiva de mulheres cisgêneras era a mesma que homens cisgêneros, porém, a genitália feminina seriam os órgãos masculinos invertidos para o interior do corpo. O autor também busca ilustrar que as constantes analogias feitas com o reino animal afim de buscar uma razão lógica pela qual fazemos a distinção entre o sexo de forma binária, de forma natural, como se Sexo fosse algo

dado pela natureza, ou seja, comparações com animais não-humanos, é ambígua e se molda dependendo do contexto; a lebre, que em constantes folclores foi considerada durante muito tempo capaz de mudar de sexo rotineiramente de ano em ano, após o Iluminismo não se torna uma teoria válida. O autor também atenta para o fato que espécies de machos animais engravidam, como o cavalo marinho, um fato que não pode ser negado nem na contemporaneidade. Mas após o iluminismo a verdade instaurada é que: Sexo é um dado empírico natural e gênero uma construção social, sexo é inquestionável já gênero é um campo aberto a debate

O autor também ressalta que os Sâmbia em Papua Nova Guiné apresentam o pensamento que o casuar, uma ave semelhante ao avestruz, é considerada pelos membros masculinos do grupo uma fêmea selvagem, temperamental, masculinizada que dá à luz pelo anus e que suas fezes possuem capacidade de reprodução. O etnógrafo Gilbert Herdt que carregou a etnografia com os Sâmbia se pergunta porque esses acreditariam em tal evento, Laqueur argumenta que o estranhamento de Herdt com essa informação se dá, pois, qualquer coisa que se apresente fora da estrutura binária de sexos e da heterossexualidade, mesmo que dentro do mundo animal não humano, já vem carregada com pressupostos de análises das binariedades de desigualdade ou semelhança. Laqueur diz que a construção do sexo único, com o Homem sendo o gênero superior e a mulher o inferior, é uma ideia que se instaura na Antiguidade, e que aponta mais do que aparenta explicitamente. A pergunta não seria por que a inferioridade da mulher, mas sim por que a exaltação ao homem? Essa afirmação se cria como distinção de poder e soberania do patriarcado sobre o feminino.

Em “Deshacer el Genero” Judith Butler postula a relação entre sexo e genero como uma regulação de normas. Essa regulação se diferencia de regras e leis propriamente ditas, as normas são fatores implícitos ou explícitos pelos mecanismos de normalização de uma ideia ou ideal, e se diferenciam de leis e regras por que podem ou não ser expressadas de forma coercitiva pelo Estado. As normas atuam sobre a disseminação de uma ideia e ao fator de incorporação desta ideia pela sociedade, e dizem respeito ao modo de comportamento, de agir, de se organizar e ao *habitus* de uma sociedade. As normas, ao contrário das leis, normalmente são implícitas e difíceis de ler, o que as torna inteligíveis são os impactos dessas normas sobre a vida dos indivíduos. Entender gênero como uma norma significa que Gênero é um aparato que se refere à produção e normalização de feminino e masculino através das relações entre hormônios,

cromossomos, performances e psíquicas que gênero assume (BUTLER, 2004). Gênero como uma norma, no Ocidente, seria a disseminação da ideia, e a incorporação desta pela sociedade, que entende que as relações entre gênero-sexo, e suas oposições hierárquicas, são naturais.

Gênero como uma norma seria a disseminação da ideia de que cultura se constrói através do domínio da natureza, e que poder significa controle e dominação. Para Butler, seguindo preceitos de Foucault, as normas muitas vezes aparecem amparadas pelas leis, ligadas ao judiciário e ao poder, podem não se manifestar pela força e violência, mas se apresentam de forma clara aos indivíduos a quem se dirigem (BUTLER, 2004). As normas não são apenas uma variável de regras, mas são também uma forma de valorização e de produção destas. As normas seriam uma manifestação da biopolítica, decidindo o que se enquadra no “normal” e o que se enquadra no “anormal”:

“O padrão rege a inteligibilidade, permite que certos tipos de práticas e ações sejam reconhecíveis como tal, impondo uma rede de legibilidade o social e definindo os parâmetros do que vai aparecer e o que que não aparecerá na esfera do social. A questão do que significa estar fora da norma representa um paradoxo para o pensamento, porque se a norma converte o inteligível e normaliza campo social em este campo, então fique fora da norma é, em certo sentido, ainda ser definida em relação a com ela. Não ser suficientemente masculino ou feminino o suficiente ainda deve ser entendido exclusivamente em termos da relação de si mesmo como "masculino o suficiente" ou "bastante feminino” (BUTLER, 2004)

A norma opera de tal maneira a enquadrar sujeitos dissidentes dentro do padrão, usando suas ferramentas e um complexo sistema de manutenção, buscando homogeneizar corpos e tornar indivíduos o mais similares possíveis. A patologização de identidades e a busca por justificativas naturalistas para explicar opressões sociais são dispositivos herdados do colonialismo, esses mecanismos afetaram e afetam os mais diversos grupos de sujeitos e os marginalizaram. Em “A teoria *queer* e os *intersex*: experiências invisíveis de corpos des-feitos” Nádía Perez Pino demonstra como estes processos se radicalizam em corpos *intersex*, corpos que são submetidos desde o nascimento as intensas cirurgias transgenitalizadoras e hormonioterapias. Estes corpos são desconstruídos e re-feitos, a partir do momento de seu nascimento, a fim de os enquadrar numa perspectiva binária do que seria o ideal feminino e o ideal masculino.

A autora aponta que a cirurgias e a terapia hormonal seriam apenas a parte inicial da transformação deste corpo *intersex* para um ser social, dentro deste processo também é necessário que este corpo se comporte de forma congruente com o gênero-sexo que lhe foi atribuído ao nascimento para ter sua existência dentro do meio social validada. Porém, ao ponto que o movimento ativista *Intersex* questione a hegemonia do binarismo sexual e da heterossexualidade, essa realidade vem mudando. Pino demonstra que a luta do ativismo não se pauta exclusivamente com o assunto de gênero ou, muito menos, sobre construção de um terceiro sexo, estes indivíduos desejam possuir vidas habitáveis, e a noção é que esta vida habitável só é possível através do enquadramento dentro dos gêneros binários. Estes sujeitos buscam uma inclusão social que nunca lhes foi permitida, o enquadramento dentro deste sistema normativo seria a possibilidade para entrada nesses espaços de socialização. Estes sujeitos também querem ser considerados “normais”, “humanos”.

O ativismo desta comunidade se pautaria prioritariamente no fim das cirurgias impostas ao nascimento, que essas cirurgias só deveriam ser feitas quando o sujeito pudesse decidir por si. Porém, alguns desses sujeitos atravessariam a experiência de um paradoxo identitário (PINO, 2007) (BENTO, 2012) (BUTLER,2006), apesar de possuírem a ideia clara de que não é necessário deter um determinado tipo de corpo para pertencer a um gênero, estes atores buscaram se enquadrar nessas regras sociais a fim de poderem ter a possibilidade de uma vivência sem estigmas e violências. A experiência de algumas pessoas trans e *intersex* pode ser vista através deste paradoxo identitário, em um espaço “ocidental” onde a própria noção de Eu atravessa o corpo. Estas pessoas seriam então coagidas a mutilarem e re-fazerem seu corpo para serem entendidas como “pessoas” e como vidas, pois tudo que diverge dos padrões heterossexuais binários é passível de abjeção e marginalização. Os dispositivos funcionam como ferramenta de controles de performances de gênero públicas, mas também invadem as próprias subjetividades dos indivíduos que passam a acreditar que a única vida possível é a dentro do padrão binário. Isto é o processo do biopoder internalizado (BENTO,2012) (CARDOZO et al, 2016). O biopoder e as operações do Estado na construção das subjetividades do indivíduos pode ser melhor compreendida através de uma leitura crítica do texto de Cardozo, Sodré e Rodrigues “Regulamentação da vida e do processo transexualizador brasileiro” (2016):

Conclui que o processo transexualizador tem servido de dispositivo disciplinador sobre a população usuária, e equipamento para administração da vida trans na massa populacional. Assim, a seletividade pode ser compreendida como resultado da ação do Estado que, no exercício do biopoder, realiza um corte entre quem viverá ou morrerá.”(CARDOZO et al, 2016).

O processo Transexualizador Brasileiro tem sua implementação no Sistema Único de Saúde (SUS) de maneira bastante tempestuosa, de maneira geral, com a primeira cirurgia de transgenitalização sendo realizada em 1971 por um cirurgião plástico (que foi interpelado judicialmente por crime de lesão corporal, perseguido pelo Estado), que foi perseguido, mas a cirurgias só foram aprovadas no sistema de saúde, como programa de saúde pública em 1997 (Cardozo et al, 2016). O processo Transexualizador Brasileiro aparece no Brasil com objetivos sutis e apenas óbvios para aqueles a quais se dirigem. Aparecendo como um novo mecanismo de controle de corpos e identidades, este sistema nasceu à procura de novos espelhamentos, mas antigos movimentos coloniais de poder entre expressão de gênero hierárquicos.

O “Processo Transexualizador” do SUS (fornecimento de serviços gratuitos de transgenitalização, hormonioterapia, mastectomia entre outros processos cirúrgicos e hospitalares entendidos como processos terapêuticos necessários diante do diagnóstico de transexualismo) demonstra a constante patologização enfrentada por estes corpos que se distanciam dessa heteronormatividade, para ter acesso a esses programas é necessário enfrentar uma série de etapas. É necessário receber um diagnóstico de psiquiatras, psicólogos e psicanalistas, entre outros doutores formados em Transexualismo. O objetivo principal do SUS foi categorizar as pessoas Transtravestigêneres como portadoras de um transtorno psíquico (Cardozo et al, 2016).

O processo transexualizador brasileiro teve como objetivo tratar esses indivíduos como doentes, e buscar ao máximo adequar esses corpos a um padrão estético-comportamental binário de gênero do que trabalhar de fato para levar saúde para essa população e cuidar de suas carências. Este processo se instaura no SUS através da ideia de que se existe uma “experiência Trans oficial” e que esse transtorno psíquico se resolve ao fim do processo transexualizador pois o objetivo de uma pessoa transtravestigênera é se aproximar ao máximo do sexo oposto ao imposto no nascimento. Segundo a portaria 1.955/10, pelo CFM (Conselho Federal de Medicina) em 2010 o transtorno foi descrito como:

“o transexual é portador de desvio psicológico permanente de identidade sexual, com rejeição do fenótipo e tendência à automutilação e/ou autoextermínio”

Embora em 2019 através da portaria 2.265 a descrição da identidade transtravestigenera tenha sido atualizada para:

“Compreende-se por transgênero ou incongruência de gênero a não paridade de gênero ou sexo de nascimento incluindo-se neste grupo transexuais, travestis e outras expressões identitárias relacionadas à diversidade de gênero”

Através da experiência “Trans Oficial” seriam aqueles sujeitos que querem ao máximo se distanciar do gênero ou sexo lhe designado ao nascimento, esses indivíduos teriam prioridade no Sistema Unico de Saude e nos seus serviços. Através de uma série de testes de personalidade, uma complicada etapa de psicólogos e psicanalistas, seria possível um diagnóstico, após um acompanhamento obrigatório “terapêutico” de no mínimo 2 anos. Porém, o Sistema não tem capacidade de oferecer esses profissionais na demanda necessária, e a experiência “Trans Oficial” tão pouco existe.

Em “Sexualidade e experiência trans: do hospital a alcova” Berenice Bento discorre através do dispositivos da heterossexualidade compulsória e a heteronormatividade a problemática da interpessoalidade entre vida pública, privada e Estado. Neste texto, a autora também fala sobre a influência desse dispositivo na subjetividade dos indivíduos que passam a questionar a si, suas experiências e existências ao passo que são perpassados por biopolíticas que buscam controlar esses sujeitos dentro de normas binárias. A heterossexualidade compulsória daria a justificativa para a divisão binaria entre os gêneros e para esta relação entre sexo-gênero. A complementariedade entre os dois opostos seria a demonstração necessária de que o “normal” entre as relações seja o heterossexismo, baseando-se na noção de sexo como um dado estático relacionado as capacidades inerentes a cada corpo (BENTO, 2012)

A influência da heterossexualidade promovida de forma hegemônica pode ser entendida como desdobramentos de tecnologias de organização social produzidas sobre sexo e gênero a partir dos séculos 17 e 18 (Cardozo *et al*), o entendimento e naturalização dessa heterossexualidade fomenta que existe uma natureza masculina e uma natureza feminina e que estas se complementariam, qualquer indivíduo que distancie desta suposta natureza é considerado um corpo apto de rejeição social. Esses

sujeitos que se distanciam desse padrão de comportamento de expectativas de sexo-gênero estabelecidas no nascimento se encontra vulnerável em uma sociedade em que sexo é tido como natural, logo, se distanciar desse padrão é anti-natural, anormal.

A heterossexualidade compulsória e a forte relação entre sexo-gênero, capitalizam a ideia entre cultura-natureza, um forte ideal Ocidental. A forte dicotomia entre cultura e natureza no Ocidente e a heterossexualidade compulsória fomentam o discurso científico do homem universal iluminista do século XVIII, e estão diretamente ligados à forma política organizacional, social e de mercado. As tecnologias ao redor destas fortes relações se mostram pilares para a construção de ideais coletivos de imagens de expressões, que se transformam em valores materiais com forte impacto na vida dos indivíduos e em suas vivências.

Embora um campo minado, Gênero e seu ativismo continua sendo um amplo campo para debate e discussão, no Brasil as primeiras ONGs especializadas a trazerem o debate sobre gênero para o país foi mais ou menos nos anos 70 e 80 através de movimentos como a WID (Womens In Development) que tinha como o objetivo final o desenvolvimento financeiro e econômico feminino, botar essas mulheres no mercado de trabalho, agir em países em “subdesenvolvimento”, sempre agindo com fortes críticas feitas a CEPAL (Comissão Econômica para América Latina e Caribe), e que ganharam muito apoio de movimentos populares, mas talvez não tinham as melhores das intenções com o desenvolvimentismo (SIMIÃO, 2002).

Estas ONGs focaram no desenvolvimento econômico, enquanto o subjetivo, pessoal e identitário era negligenciado, estas questões, mais voltadas para o social, ficaram a cargo de grupos religiosos, paróquias e igrejas (SIMIÃO, 2002), eram nesses grupos que as mulheres achavam o refúgio para apoio para casos como violência doméstica, abuso verbal e psicológico. Esses grupos paralelos se encarregaram de dar o apoio psicológico para as mulheres cisgêneras para com que elas pudessem se manter no mercado de trabalho. A chegada dessas ONGs apresenta um novo agente político na molde do cenário brasileiro, o agente “mulher cisgênera”, um novo agente e sujeito político. Em “Natureza, cultura e gênero: uma crítica” (1981) de Carol P. MacCormack a autora tece fortes críticas aos movimentos feministas e as políticas de inclusão social desenvolvimentistas do anos 70, que possuíam caráter universalizante e naturalista.

O caráter universalizante e naturalista dos estudos feministas durante os anos 60 e 70 foi discutido por diversos autores, MacCormack mostra que acreditava-se que existia um consenso de uma experiência universal feminina, e que está se atrelava e se aproximaria mais com a natureza, que é o que se transcreve no texto "Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura" da autora Sherry Ortner (1974), e o homem se aproxima mais da cultura, texto famoso e muito discutido. Neste texto MacCormack entra na discussão da dicotomia entre natureza e cultura para fazer uma crítica aos estudos feministas que circulavam na época, para a autora natureza e cultura são ambos conceitos socialmente construídos e estão exclusivamente em dependência da sociedade em que estão sendo analisados, ou seja, são conceitos extremamente mutáveis além de bastante genéricos e abrangentes.

Através da formulação do pensamento Europeu temos uma ideia de progressão linear evolucionista, significando que o natural poderia se tornar o industrial e o selvagem ou domesticado, porém essa afirmação europeia não se concretiza em outros espaços, como no exemplo apresentado pela autora dos Hageners na Papua Nova Guiné. Os Hageners entendem natureza-cultura através de selvagem e cultivado, "cultivado" se refere a elementos como plantações, porcos de criação ou os membros do clã; selvagem diz respeito a tudo que é selvagem, solitário ou não-humano (MacCormack). Aqui não há potencial de transformação entre selvagem e cultivado, são dois conjuntos diferentes que lidam entre si, mas são separados e como mais importante, o cultivado não domina o selvagem. Se reconhece o selvagem e lida com ele, mas este é um conjunto próprio com suas vivências e poderes.

Para os Gimi, também em Papua Nova Guiné, a natureza não é desvalorizada e os homens possuem atributos marcados como "selvagens". As categorias de gênero não são necessariamente ligadas a natureza e incorporadas-dominadas pela cultura, como no caso dos Hageners, nem as mulheres se enquadram universalmente como "mais próximas da natureza", vista como inferiores e dominadas pela cultura como no caso dos Gimi, onde ambos os gêneros possuem estes atributos "advindos da natureza", pelo contrário, MacCormack demonstra que a distinção e a dominação-integração da cultura sobre a natureza é um ideal Europeu e os preceitos binários dessa ideia estariam afetando como entendemos as relações de gênero em outras sociedades.

MacCormack também aborda as questões econômicas deste ponto de vista, ela enfatiza que este modelo pode ser ampliado para uma esfera macrossocial, que perpassa

gênero, em uma visão econômica industrial capitalista. Nesta economia ativamente se negligencia e desvaloriza a importância dos serviços domésticos, e como estes não são assalariados, não são de fato considerados como trabalho. No Ocidente, a noção de prestígio e poder estão fortemente associadas a noção de poder econômico, e, de fato, na Europa homens cisgênero inquestionavelmente dominam mais bens, produtos e firmam alianças através de sistemas de trocas, do que mulheres cisgêneras, onde o trabalho é dividido por gênero, mas seria essa noção de trabalho, poder e prestígio universal? Seriam as mulheres postas em todas sociedades humanas, mesmo as que não fazem divisão de trabalho por gênero, onde o poder de troca é equivalente, estariam estas também submetidas às mesmas pressões econômicas “masculinas” que as mulheres Europeias? Estas mulheres (natureza) também estariam sendo dominadas pelos homens (cultura) aos mesmos moldes universalizantes Europeus?

“Trocas econômicas estão relacionadas a serviços e leis. Se considerarmos a quantidade Total de bens e serviços trocados na sociedade humana, podemos estar certos de que os Bens que os homens comandam e concedem estão necessariamente em maior quantidade Do que os serviços das mulheres? Como Lévi-Strauss focou a análise da troca na máxima Biológica de “casar fora é melhor do que ser morto fora”, nós também podemos Perguntar, em um nível biológico, se o Homo Sapiens tem mais possibilidade de sobreviver Como espécie em razão do “alto nível” de trocas realizadas pelos homens ou pela Produção doméstica, partilha e procriação das mulheres?” (MacCormark)

A autora então traça um paralelo político para o entendimento das relações de gênero no Ocidente, onde como resultado de um processo político-econômico a mulher se tornou marginalizada e sem poder, fazendo uma analogia com a análise de Engels (1942), onde a mulher seria o proletariado e o homem a burguesia:

“A relação entre colonizadores e colonizados, e a relação entre capitalistas e proletários nas sociedades industriais, são manifestações do mesmo processo: “A escravidão muda do novo mundo era necessária como uma pedra fundamental na qual a escravidão enrustida dos assalariados europeus foi construída” (citado por Lévi-Strauss 1977:315).....“Simplicidade” e “Passividade” não são propriedades intrínsecas destas sociedades, mas o resultado da ação do desenvolvimento sobre ela desde os seus próprios inícios; uma situação criada pela brutalidade e violência sem as quais as condições históricas do próprio desenvolvimento não teriam se dado (Lévi-Strauss 1977:316).” (MacComarck)

O novo agente político “mulher cisgênera” possuía suas demandas, seu mercado, suas pautas e suas imagens. O campo e espaço para debate de gênero estava aberto. As associações que se formam mais tardiamente a estas ONGs Feministas, como a ANTRA ou ABHT (Associação Nacional de Travestis e Transexuais, Associação Brasileira de Homens Trans), se encontram negociando sobre o significado de gênero e, de forma mais importante, se encontram negociando um poder de decisão social, *status* e capital social, sobre o significado e aplicabilidade de gênero, de forma subjugada a estas ONGs Feministas pois estas ONGs que se especializaram em trabalhos exclusivos a mulheres cisgêneras são consideradas as porta vozes sobre o ativismo político que o conceito de gênero pode portar dentro da sociedade, sua aplicabilidade, qual grupo ele se refere prioritariamente e quais são as reivindicações feitas a partir da “luta de gênero” e pela “igualdade de gênero”.

No texto “Itinerários Transversos: Gênero e campo das organizações não governamentais do Brasil” são apresentadas ONGs não abertas para o diálogo de gênero, seus desenhos e significados. Essas ONGs demonstram certa objeção a construir afinidades políticas com ONGs mistas ou ONGs que não tenham como público alvo mulheres cisgêneras, pelo ponto de vista destas ONGs feministas é considerado penoso se pôr em um local de prestar assistência a movimentos políticos que não tenham como foco políticas públicas exclusivas a mulheres cisgêneras, mesmo quando estes movimentos veem apenas em busca de conselhos de administração e movimentação dentro do campo político:

“Até que ponto nós somos forçadas a ter que dar assessorias para grupos que nunca se debruçaram sobre essa questão, que nunca se envolveram nas campanhas pela melhoria do trabalho feminino, pela ampliação das creches, pelo fim da violência contra a mulher, enfim, que nunca demonstraram nenhuma intenção pela ampliação da cidadania no Brasil com a inclusão das mulheres.”

(SIMIÃO, 2002)

O problema se dá a partir do momento que estas ONGs feministas fecham a conversação e ao passo que também mantém a ideia de que estudos de gênero estão para estudos feministas. Estas ONGs usam “gênero” como sinônimo para “mulher”, porém falar sobre mulheres cisgêneras não é falar sobre gênero. A corporalidade como objeto de estudo e ação política continua sendo o foco central para essas ONGs, manter a conversa nesse âmbito é ignorar que os estudos de gênero evoluíram desta relação entre

gênero-sexo, onde a corporalidade seria o central, e as morfologias sexuais deveriam ser o foco de estudo. Os estudos de gênero criaram relações com paralelos distintos as diferenças sexuais, manter a discussão na corporalidade é ignorar que gênero não é mais um conceito que pode ser atrelado a corpos de forma naturalizada, dependente de suas características fisiológicas, focar neste contexto é estar parado no tempo. Mas manter a conversação centrada na corporalidade não é um movimento ingênuo, há uma lógica qualitativa nisto.

Em “Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e o feminismo-socialista no final do século XX” (1994) Donna Haraway aponta que existe uma vantagem em não abraçar explicitamente a desconstrução entre a relação sexo-gênero (sexo como um dado empírico, gênero como uma construção social), abraçar essa desconstrução implica em desnaturalizar as concepções hegemônicas de dominação ocidental que são necessárias para a narrativa de um feminismo que se pauta na ideia de que existe uma experiência universal da categoria “mulher”, como o feminismo-socialista, o radical e o liberal, (as principais correntes feministas). Certos dispositivos são necessários para a manutenção de dualismo de dominação e para criação de movimentos políticos de oposição, a diferença entre o “eu” e o “outro”.

O “feminismo de Estado” como coloca Berenice Bento em “Transviad@s: gênero, sexualidade, direitos humanos” (2017) por muitas vezes ignora que o discurso hegemônico naturalista universalizante sobre gênero, que possui contradições e equívocos, mas que se mantém como pilar na discussão por possuir autoridade em si e por si, também já deixou suas marcas coloniais na história do estudo. Este tipo de feminismo “que causa certa náusea” (BENTO,2017) vive correndo atrás de editais e não se posiciona quando uma aluna lésbica é espancada na universidade ou uma aluna trans é impedida de usar o banheiro.

Bento pontua que em março de 2015 o Congresso Nacional aprovou a lei que tipifica assassinatos motivados por gênero como “feminicídios”, e que no mesmo ano em junho negou a proposta de inclusão de “estudos de gênero” no Plano de Educação nacional. Os vereadores e deputados estaduais que se mostraram contrários a esta inclusão de gênero nos debates escolares se justificaram com o argumento de que a “teoria de gênero” esconde um desejo satânico de destruir a família tradicional (BENTO, 2017). Mas qual seria a diferença entre a teoria de gênero proposta em março e a proposta em junho? Acontece que a “teoria de gênero” aplicada na formulação da lei

do feminicídio traduz gênero para “mulher”, e está em congruência com as concepções naturalistas de gênero-sexo onde as mulheres, passivas e indefesas, precisam ser protegidas dos homens, predadores e violentos; já a inclusão da “teoria de gênero” no Plano de Educação está em congruência com as discussões acadêmicas sobre gênero, que se mostram mais amplas do que o paralelo sexo-gênero, homem-mulher. A visão hegemônica da heterossexualidade compulsória binária não pode permitir que uma discussão mais ampla de gênero seja implantada no Plano de Educação pois isso questionaria as próprias estruturas que sustentam esta heterossexualidade compulsória e a visão binária colonial da relação entre os gêneros e entre os indivíduos.

A atitude colonial que permeia os estudos feministas não é novidade, mas as implicações desta se tornam cada vez mais escancaradas ao passo que o mundo, outros movimentos ativistas como o movimento LBTQIA+, contesta essas tecnologias de dominação. Os avanços políticos feministas, como a lei do feminicídio, não seriam possíveis se a visão hegemônica de gênero não fosse esta naturalista, então é entendível a recusa das ONGs feministas de entrarem e se aprofundarem no debate de gênero. As implicações desta negação, porém, obviamente, não são sentidas de forma intensa por essas ONGs feministas que encaram a “mulher” como uma categoria de experiência universal. Esta recusa ao debate é sentida por corpos dissidentes que fogem a essa forma binária e heteronormativa, este silêncio ensurdecedor atravessa corpos e os violenta através de dispositivos de um movimento político que deveria ser um aliado, devido afinidades políticas como o debate acerca de gênero, e não um concorrente.

Giselli Cristina dos Passos e Lindamir Salette Casagrande escrevem no texto “Homens-trans e a invisibilidade na educação” (2018) sobre a recusa da implementação da inclusão de “estudos de gênero” no Plano de Educação. Profissionais transmasculinos e estudantes transmaculinos sentem de forma radicalizada a falta desse diálogo. Eles se encontram em um ambiente hostil que não apresenta qualquer ferramenta para os estudantes e profissionais cisgêneros e transtravestigêneros que os faça compreender as alteridades, e, que, portanto, os tornam violentos com as diferenças. Os profissionais e estudantes que fogem da norma binária heterossexista, se encontram constantemente ocultando as próprias identidades a fim de não sofrerem violências. Por não haver nenhum preparo, o ambiente não sabe como lidar com o profissional nem com os estudantes, gerando o sentimento de não pertencimento, não lugar.

O texto demonstra que devido a falta de preparo, no caso de estudantes, as violências que atestam sua subjetividade, gera evasão escolar os pondo assim em locais ainda mais fragilizados, fazendo com que eles saiam de seus confortos. Não se fala na “teoria de gênero” nas instituições na esperança que isso desapareça, isso não seja mais um tópico, ignorando-se o esforço dos alunos e ativistas LGBTQIA+ para a implementação desse diálogo nas escolas. No ambiente escolar, um dos mais embrionários da socialização, esses indivíduos são marginalizados por se distorcerem da norma e se tornam abjetos, perdendo o início da vida social e sendo privados de experiências básicas pois é na escola, além da família, o núcleo mais importante de socialização e desenvolvimento humano. (PASSOS et al, 2018).

Os profissionais transtravestigêneres também são condicionados a heterossexualidade e ao padrões binários, o Instituto Brasileiro Trans de Educação - IBTE , cuja principal motivação é criar estratégias para combater a transfobia no ambiente escolar, durante o censo de 2017, de 90 participantes 32% se consideram homens trans:

“Percebemos então que existe um número considerável de pessoas trans que atuam na educação, porém acreditamos que esse número possa ser bem maior, uma vez que a maioria das pessoas que responderam o censo, denunciaram assédio, violência e transfobia, dessa forma, muitas pessoas travestis, mulheres e homens transexuais que atuam na educação ou na pesquisa escondem suas identidades de gênero ou em caracteres andrógenos ou em possibilidades de vida delimitadas por características cisgêneras.” (2017)

O IBTE trabalha com várias associações, como a ABHT, que através de afinidades políticas tecem redes de mapas para a construção de refúgios políticos. A construção de certos palácios são necessários para corpos dissidentes. Através de afinidades políticas os sujeitos conseguem por estas associações, e também e paralelos estas associações, criar movimentações e conexões políticos-sociais que ameaçam a estabilidade do sistema hegemônico estabelecido pela heterossexualidade compulsória. Surgem novas agitações políticas e sociais que servem como base para criação e legitimação de demandas sociais específicas relacionadas à saúde e ao bem estar da população transtravestigênera e de transmasculinos.

As novas agitações e movimentações políticas que surgem, nascem de forma tímida e sutil. O movimento LGBTQIA+ já tem sua marca histórica no Brasil, porém através da medicalização e da patologização, e de um modo também onde

Transmasculinos ficavam quase que escondidos. Embora as cirurgias de transgenitalização já ocorrem desde 1997, a identidade Transmasculina só foi integrada no processo Transexualizador Brasileiro em 2013, conforme a portaria nº 2.803 do Ministério da Saúde, e apenas em 2010 as cirurgias de mastectomia, retirada de ovários e útero, foi considerada não experimental e possível de ser realizadas em instituições públicas e privadas, através do CFM nº 1995/2010. (PASSOS et al, 2018)

Através da especialização acadêmica do movimento LGBTQIA+, e dos novos caminhos trilhados na academia por autores brasileiros como Berenice Bento e Pedro Paulo Pereira, a chegada dos estudos Transviados mudaria o rumo dos estudos sobre Gênero. Os estudos Transviados beberiam diretamente da fonte do *Queer*; teoria sobre identidades que se forma na América do Norte e que tem como principais objetivos: 1) a negação da identidade como uma essência, 2) o combate ao suposto binarismo hierárquico identitário, 3) interpretação do corpo como um lugar de combate e disputas. (BENTO, 2017). O que se pode entender com o *Queer* (estudos transviados) é: não existe diferença de formação entre os “normais” e os “anormais”, o Gênero atua como um recurso fortemente acionado pelo Estado no uso da biopolítica e é sustentado pelo saberes psi (médicos, psiquiatras, psicólogos), o processo transexualizador brasileiro trabalha na função de achar uma cura para pessoas que demandam ter uma identidade de gênero diferente da imposta socialmente a partir da presença de uma certa genitália, mas a natureza de identidade de gênero é não ser natural. (BENTO,2017)

Atualmente os estudos transviados têm servido de importante maquinário para a luta contra a ideia hegemônica disseminada de gênero. Estes servem como importante discurso para caminhada acadêmica e para o ativismo de movimentos LGBTQIA+. A militância LGBTQIA+ vem se intensificando, a disputa acerca do que é gênero e quais são as vozes que importam vem ganhando espaço em um cenário nebuloso e tempestuoso, no fundo, buscando aparecer em rodas de feminismo e na conversa sobre marxismo e ciência política, um grito sufocado dos militantes LGBTQIA+: **Eu também sou humano!**

## **O Underground Cibernético.**

### **Um passeio no Underground.**

O *Underground Cibernético* serve como fonte primordial para criação de conexões interpessoais através de laços tecnológicos imateriais e que podem se tornar materiais. Durante minha pesquisa, criei vínculos online e vínculos offline, procurando sempre o intermédio entre máquina e o real. Neste trabalho, busco apresentar breves análises que surgiram através de interações entre esses dois mundos, que quebram o espaço/tempo e funcionam como campo para trazer questões para observações pertinentes.

As conexões aqui criadas são relacionais e aparecem de formas variadas, circulam através dos conceitos de gênero, raça, classe, família e individualidade. A historicidade da relação que envolve esses termos e como eles afetam a construção do “eu” busca ser explorada dentro desta parte da pesquisa, aqui demonstro de forma mais contundente como o campo minado do debate de gênero pode e afeta a vida dos indivíduos. Através de pesquisa etnográfica se foi co-criada uma pesquisa, com uma troca genuína de informações e experiências, embasada em extensa bibliografia e conhecimento regional.

Conversei com cinco interlocutores: Klaus, Dia, Crystal, Éli e Ozra. Artistas, grafiteiros, musicistas, estudantes e ativistas. Me envolvi com meus interlocutores e busquei trazer informações e experiências enriquecedoras para pesquisa e que tornem congruente a linha de argumentação até aqui, com justificativa na bibliografia.

Quando estava no Ensino Médio da escola regular conheci Klaus. Naquela época já o admirava e sabia que se tornaria uma pessoa brilhante, quando voltamos a nos encontrar na faculdade, percebi que minhas apostas estavam certas. Klaus tinha se tornado um ativista político do movimento LGBTQIA+, estudante de Turismo, grafiteiro, artista visual, multimídia, agente cultural e escritor, com seu cognome de Kaos. Kaos e eu nos encontramos como velhos amigos, quando o convidei para participar do projeto ele aceitou com um sorriso no rosto e começamos a trabalhar em conjunto. Através da troca de experiências foi possível produzir análises sobre a influência de gênero dentro de contextos e construções sociais, como se dá a produção de identidades e a interação de subjetividades nas relações através do instrumento analítico de gênero.

Kaos publica a maior parte de seu trabalho através da rede cibernética *underground*, onde ele posta vídeos informativos sobre conteúdos relacionados a comunidade LGBTQIA+, assuntos políticos atuais como ecologia e sustentabilidade, seus vídeos fazendo grafite, suas zines, entre outros projetos. Minhas interações com Kaos eram prioritariamente presenciais, porém realizamos entrevistas online, e nos conectamos através de mensagens, áudios e vídeos. Kaos também imprime seus trabalhos e os vende, através de uma plataforma digital chamada Apoia-se, onde os inscritos depositam uma quantidade mensal e recebem por entrega os trabalhos artísticos de Kaos, o que é uma importante fonte de renda para o artista, que é independente.

Kaos é especializado no assunto gênero e eu e ele conversamos durante horas, quando comento sobre as visões Foucaultiana normativa de Butler sobre gênero a Kaos ele me conta sobre sua vivência. Ele me conta que em sua visão e experiência, há a tentativa da reprodução da heteronormatividade, como se ele se sentisse vigiado, e precisasse fazer isso. Como se constantemente alguém estivesse lhe observando, através de uma lupa, procurando os mínimos detalhes, para caracterizá-lo como “masculino o suficiente” ou não. Sua masculinidade estaria constantemente sendo questionada, e quando aceita, sempre em um tom de negatividade, como se a transgeneridade de Klaus fosse um problema, como se a transgeneridade não binária masculina fosse um problema. De alguma forma, a transgeneridade masculina e a masculinidade carregam consigo estigmas característicos pertencentes a um imaginário colonial e ocidental, fundados no retrato do homem cis-gênero branco, mas que por algum motivo, agora, permeia e se infiltra na masculinidade por si só e na transgeneridade masculina. Klaus me conta dois casos.

A partir do momento em que uma subjetividade se entende como transgênero não binário masculino é necessária uma mudança de postura social imediata, é preciso começar a se portar de certa maneira, seguir regras e normas que nem todos os sujeitos estão acostumados ou sabem desde o princípio. Como a não binariedade ainda é um campo inexplorado, os sujeitos ao se depararem com um ser transgênero não binário se sentem desconfortáveis, mas quando se aplica o sufixo “masculino” o cenário muda e um ideal de “masculino suficiente” e de masculinidade brota na mente dos indivíduos. O não binário então tem que adotar uma postura que seja masculina, mas não masculina

demais, um masculino ameaçador e estigmatizado, uma masculinidade que assusta. Mesmo que sendo vigiado e observado para atingir uma masculinidade ideal, ele jamais pode ser masculino o suficiente, pois se for demais pode ser assustador.

O primeiro caso é, Kaos foi convidado para participar de uma oficina de grafitti, porém, a relação de Klaus com mulheres cis-gêneras sempre foi composta de altos e baixos, as barreiras que estabelecem as conexões entre gênero parecem produzir muros entre os diálogos, criando conflitos e rugosidades nas conversas, tornando difícil a comunicação. Klaus me conta que á trabalho, quando vai produzir peças artísticas de grafite em ambientes femininos, se sente desconfortável pelo fato das mulheres cis-gêneras não respeitarem muito seus pronomes, em comparação a homens cis-gêneros:

“Os mano me respeita muito mais, é muito engraçado, por que elas são tudo militante, feminista e tal...”(Klaus,2022)

Os pronomes de uma pessoa transgênero são seriamente importantes, o respeito a essa simples condição linguística parece ser verdadeiramente complicado para alguns indivíduos, o que causa, com razão, já que abstrai a identidade, incrível incômodo para muitos sujeitos. Nesses ambientes Klaus parece estar deslocado, como se não devesse estar ali, um sentimento de não pertencimento. Embora na maioria das vezes que precise estar nesses ambientes seja a motivo de trabalho, ou seja, foi convidado para estar ali, ele se sente no não-lugar, embora presente, não deveria. Nesses ambientes Klaus sente que se forma uma rede de apoio exclusiva de mulheres cis-gêneras, em que a binariedade é determinante central para a divisão social e as relações subjetivas:

“Elas criam essa rede e é isso, acham que tá de boa, elas vigiam quem pode ou não entrar nos movimentos e ser ajudado”(Klaus,2022)

Por ser um transgênero não binário “masculino demais”, Klaus, quando presente nesses ambientes, é posto em situação de subjugação e opressão, compilado para reprimir sua identidade e subjetividade, sendo excluído das relações. A cadeia de projeções que acontece é o sistema hierárquico binário de gênero, que Klaus conhece, e domina de letra, já é um *expert* no assunto, não se intimida. Contra este sistema ele criou um império natural-tecnológico, um cosmos particular, onde seu imaginário se conduz ao infinito e as condutas quebram os limites.

O segundo caso que Klaus me contou aconteceu no seu projeto de banheiros neutros no ICC da Universidade de Brasília, um projeto que tive o prazer de participar,

acompanhando de perto. O projeto de banheiros neutros no Instituto Central de Ciências na Universidade de Brasília foi um trabalho que acompanhei desde o pedido do edital até a convocação de voluntários para a colagem de lambes nos banheiros do Instituto. Um lindo projeto, conduzido por Klaus para gerar mais conforto para estudantes transgêneros não binários da Universidade de Brasília.

Durante a condução do projeto, foi criada uma rede social para postar publicações relativas ao projeto e atualizações rotineiras, para nossa surpresa, imediatamente, os primeiros comentários, foram de mulheres cis-gêneras, curiosas e angustiadas, bravas, do por-que *homens e mulheres* estariam agora usando o mesmo banheiro. Ao que parece, a discussão dos banheiros neutros, sofreu uma tradução errada. Os banheiros neutros consistem em um projeto de selecionar determinados banheiros do ICC e os torná-los neutros, permitido para *todos* os gêneros. O intuito do projeto não era, e não foi, transformar todos os banheiros do Instituto em banheiros neutros, mas alguns em localidades específicas, para que identidades que fogem do padrão binário de gênero possam frequentar o banheiro de forma confortável.

Foi instaurado então um intenso debate, um verdadeiro caos, de mensagens argumentativas dos dois lados e um grupo que se proclamava como “Questionador do discurso trans” fez a depredação dos cartazes que foram colados nos banheiros, que tardiamente foram recolocados. Os comentários, porém, se mascaravam atrás de uma aposta feminista na tentativa de autopreservação das mulheres, em um discurso contra uma suposta descontrolada e desgovernada agressividade dos homens e o histórico de abuso em banheiros públicos. Porém, banheiros neutros não são sobre mulheres e homens cis-gêneros, no contexto do projeto da Universidade de Brasília, frequentarem os mesmos banheiros, mas sim sobre identidades, fora da hegemonia binária de gênero possuírem um banheiro que possam usar. Ainda existiam banheiros "femininos" e “masculinos”, só que agora também existiriam banheiros neutros. Além de atrelar ativamente indivíduos transtravestigêneros a abusadores, esses discursos de ódio tomaram tais proporções que foram feitos protestos por coletivos Transtravestigêneros na Universidade de Brasília para a autorização dos banheiros. a complexidade e simplicidade dessa discussão ao mesmo tempo: o primeiro banheiro que usamos em nossas vidas, o de casa, é um banheiro neutro

Nestes dois casos a rede de apoio criada entre mulheres cis-gêneras através do feminismo naturalista e essencialista age como barreira excludente de pessoas

transgêneras não binárias, dificultando a comunicação entre pessoas não binárias e mulheres cis-gêneras. Nesse sistema se espera que Klaus seja posto na posição de reprimir sua identidade e pensamentos, subjetividades, para se enquadrar em uma norma heteronormativa e heterossexual obrigatoria para que possa atingir uma posição social que lhe garanta caráter de sujeito, pois frente ao sistema sexo-gênero, tudo que foge a norma é “anormal”, e o “anormal” do sujeito é o não ser. Porém, Klaus, por ser um *expert*, Trans-gride, e em sua jornada, ele aprendeu que algumas redes de apoio não foram feitas para lhe contemplar.

Porém, Kaos criou uma rede cibernética particular onde tudo é possível e em que seu discurso é o que conduz a realidade e a materialidade. É uma torre forte e sagrada. Em seus espaços particulares, e em seus cosmos, tudo é impenetrável. Mesmo com os comentários negativos, os projetos são tocados em frente, e os espaços naturais-tecnológicos de Klaus continuam servindo como uma rede de apoio financeiro e emocional.

### **Vamos falar um pouco sobre interseccionalidade?**

Através da minha cadeia de relações de afetos e por intermédio de Klaus, conheci Diadorim, namorado de Klaus, outro informante desta pesquisa. Eu e Diadorim nos conhecemos pela primeira vez em uma das visitas que fiz a Klaus em seu apartamento, logo ficamos amigos e ele se juntou a pesquisa também. Ficamos amigos rapidamente e fui apresentando a pesquisa para ele e explicando sobre o que se tratava o projeto, ele se animou, quis compartilhar suas experiências e visões, juntar forças para a criação de possíveis futuros. Começamos então a construir diálogos que desencadearam em análises pragmáticas sobre gênero, raça, sociedade e política.

Diadorim é ator, transgênero, dreadmaker e universitário; um ativista político que usa das redes cibernéticas *underground* como plataforma no cyber-espço para divulgação do seu trabalho, para posicionamento político e para criação de redes de apoio e de afeto. Neste espaço Diadorim cria um mundo onde se Trans-portam as informações e as linguagens, que Trans-passam as alegorias dualistas de gênero, decodificando signos e imagens, para criar um mundo com novas estruturas não hierárquicas e com novas ontologias. Neste mundo, os movimentos LGBTQIA+ estão presentes em peso, quanto o movimento indigenista, e o movimento negro. Diadorim

usa as redes cibernéticas como forma de transgredir o *status quo* e perturbar o conforto hegemônico, espalhar a informação

Gênero por ser um termo flutuante e variável, só tem sentido quando analisado em suas interseccionalidades. Trocando experiências com Diadorim ele me conta sobre como essas normas e regras sociais o impactaram em sua vivência cotidiana e em sua subjetividade. Para Diadorim existem certos lugares em que a sua masculinidade não pode ser performada, em certas ocasiões e horários, ele se sente ameaçado, em perigo. O motivo dessa preocupação e ansiedade vem da interseccionalidade que gênero faz com a etnia de Diadorim e através do conceito de Necropolítica desenvolvido por Achille Mbembe. Necropolítica é uma ideia que tem origem nos preceitos Foucaultianos de “biopoder”, que é o projeto de otimização de uma sociedade através de tecnologias disciplinares para exercer a soberania, porém Foucault não imaginaria o desenvolvimento das maquinarias das formas de violência, opressão e subjugação desenvolvidas pelas “tecnologias de governo” para controle da população.

Necropolítica, ao contrário do biopoder, seria exercida ao exterminar vidas, sendo o exercício da soberania controlar zonas territoriais no qual a morte seria tanto a forma de dominação quanto de resistência (SANTOS,2018). No Brasil os casos mais latentes de necropolítica são contra a população negra e indígena, no texto “O morto no lugar dos mortos: classificações, sistemas de controle e necropolítica no Rio de Janeiro”, Flavia Medeiros Santos descreve como:

A soberania do estado que se faz presente de maneira militar, repressiva, burocrática e violenta em certos territórios da região metropolitana do Rio de Janeiro era apresentada como necessária, legítima e regularizada pela gestão técnica e moral da burocracia cartorial, cujo monopólio sobre a definição da legitimidade da força permitia (re) produzir a gestão da violência pelo poder sobre os sistemas de classificação, e controle sobre a morte e os mortos. Essa soberania era “a capacidade de definir quem importa e quem não, quem é descartável e quem não. Este é o reino do necropolítico (SANTOS,F.M,2018)

Diadorim me conta que quando sai em certos períodos do dia ou quando irá sair sozinho prefere exibir uma certa performance de gênero específica para se sentir menos ameaçado no sistema necropolítico, ele procura sair menos “masculinizado”, por sabe que em uma sociedade construída com valores hierárquicos europeus coloniais, em que o ideal é ser um homem cis-gênero branco, homens negros retintos parecem “ameaçadores”, e ele não quer parecer ameaçador. Se ele parece “ameaçador” ele está sendo vigiado, e as personalidades vigiadas no sistema necropolítico são sobretudo as mais importantes, estas são as que precisam se adaptar e ser homogeneizadas.

A implementação do conceito de raça, essa ideia que através de diferenças fenotípicas, imutáveis, sugere que exista diferenças essenciais entre os indivíduos. Diferenças naturais, identidades passam a ser colocadas como parte de referência básica para classificação social. A noção de humanidade e identidade passa a atravessar pelo corpo, e pertence a um imaginário ideal: ao do homem cis-gênero branco, qualquer indivíduo que foge a este padrão é sujeito a homonegização (QUIJANO, 2005)

A consolidação de raça se dá pela integração com um conceito muito importante, gênero. O sistema binário e a visão dualista hierarquizada de gênero operam de forma sistêmica com o fim de naturalizar e essencializar um novo sistema de expropriação. A dualidade entre natureza-cultura não permite entender sistemas que fogem a esse padrão (BUTLER, 2003). Após a invasão europeia passa a circular um ideal no imaginário dos colonizadores de população, e esse imaginário é completamente oposto da realidade da população; os incas, maias, aimarás, que foram reduzidos a uma classificação: indígenas, e também oposto aos zulus, iorubás, congos, que foram reduzidos a: os negros (QUIJANO, 2005). É criado um ciclo de ideias políticas que passam a criar um mercado de relações de exploração

. Com a chegada de gênero e raça esses dois conceitos são diretamente associados ao trabalho. Gênero, que serviam como forças complementares até então na América, vira ferramenta de opressão, e raça, este novo conceito, também. Como bases de um novo sistema de mercado e apoiados por uma nova ideia de “modernidade”, “desenvolvimento”, gênero e raça se tornam partes de um movimento complexo e ideológico que serve para naturalizar através de partes fenotípicas e biológicas as violências cometidas a América Latina pela Europa. A noção de indivíduo passa a ser atravessada pelo corpo, pelas características físicas e imutáveis; características coloniais

que permaneceram até a modernidade, como pode ser observado através da biossociabilidade(ORTEGA,2003).

Nas nossas conversas sobre família e cosmologia, identidade, como elas se constituem, quais são as ligações e os rituais por trás destas relações, Diadorim me conta sobre sua irmã. A irmã de Diadorim é uma pessoa extremamente politizada, adora ler sobre feminismo e sobre o movimento negro, acha super importante estar sempre à frente das pautas e atualizada sobre os projetos e políticas. Isso parece ótimo, porém, existe um problema. Ela não aceita a identidade de Diadorim, não aceita o fato de ser transgênero ou seus pronomes, seu novo nome, suas subjetividades, muito menos sua sexualidade e quem o Diadorim é. Mas com certeza, existe muito amor na relação, o que deixa tudo mais complexo.

Quando Diadorim me contou de sua irmã me contou muito feliz e com bastante carinho, sua irmã apesar das complicações é uma pessoa gentil. Diadorim me diz que eles tem uma boa relação, e que ele não precisa de sua aprovação para a validação da sua identidade, mas que gostaria do seu reconhecimento. Ele sabe porque não tem essa validação, a negação da irmã tem motivos religiosos, cristãos, mas para não gerar conflitos na relação ele prefere se submeter, aceitar e reprimir sua individualidade.

## **A virtualidade em campo**

A minha primeira vez em campo, como pesquisador oficial, usando gênero como ferramenta analítica e etnografia como metodologia, descrição densa e entrevistas, foi através de uma disciplina na Universidade de Brasília chamada Introdução à Metodologia das Ciências Sociais. Me encantei com a experiência de estar em campo e de entender as formas com que as construções que operam em volta de gênero, que são movimentações seculares e históricas (LAQUEUR, 2001), de maneira interseccional e mundial, territorialmente e variável, são Trans-mitidas, Trans-mutadas, Trans-reconhecidas, Trans-versas e Trans-passadas. Nesta experiência, fiz uma pesquisa através da relação de cadeias operatórias proposta por Lemonnier (1992, Cadeias Operatórias Míticas) da cultura *Ballroom* do Distrito Federal.

Através das redes cibernéticas *underground* conheci Crystal Bike, que possuía vários amigos envolvidos no circuito Ballroom, mas ela nunca se envolveu efetivamente neste circuito e não se aprofundou muito nas pesquisas históricas, nunca lhe surgiu o

interesse, mas quando lhe decidi contar os detalhes do movimento, decidi me ouvir atentamente, me encheu de perguntas, e quis saber mais.

Crystal tinha pequenas redes sociais, uma onde postava suas músicas, e outra onde postava suas fotos analógicas e digitais. Nessas redes e espaços tecnológicos Crystal compartilhava suas experiências enquanto pessoa transgênero não-binária de forma sutil, através de músicas, fotografias, sentimentos reservados e protegidos. Crystal criou um mundo só seu, intocável e imperceptível, apenas sendo guiado através de um denso mapa de linhas estreitas e cheias de rugosidades é possível a compreensão deste mundo. Crystal criou um cosmos particular, onde o seu imaginário conduz e demarca as ruas, florestas e planícies, onde se tem uma definição particular da relação tecnologia e natural, gênero e sociedade, e também uma visão de humanidade que foge a padrões essencialistas ou naturalistas, visões mais coloridas, brilhantes.

Durante minha pesquisa com Crystal, ela me dizia constantemente o quanto se sentia sugada pelas pessoas ao seu redor, como se sentia um veículo para aquisições, fins e objetivos. Crystal tinha esse sentimento de estar sendo manuseada em todas esferas, por diferentes técnicas, em diferentes mãos, objetivos e fins, diferentes espectros e sobre com ela queria fugir disso. Como ela poderia fugir disso? E ao mesmo tempo esse sentimento de ser essa pessoa de quem cuida de tudo e de quem está em todo lugar, e quem vê tudo e é presente em tudo, mas transparente, invisível, oculto.

As redes de apoio da vida de Bike consistem na sua mãe, sua tia e seus amigos. No tempo em que começamos nosso projeto e nossas conversas, costumávamos falar muito sobre nossos afetos e como construir redes de apoio saudáveis dentro e fora de um mundo tecnológico, e como é possível, em construções de pedra e artificiais, poder penetrar subjetividades e identidades sem usar da força, violência ou coerção. A importância da construção de relações que entendam as individualidades, a compreensão das humanidades, na totalidade dos seres. Nos nossos diálogos e trocas de experiências Crystal me contou sobre o recente acontecimento em sua vida pessoal, que estava lhe deixando bastante ansiosa, e eu, claro, a ouvi atentamente, Bike estava questionando suas redes de apoio.

Bike me contou que a pouco tempo sua mãe e sua tia haviam lhe feito uma visita inesperada, não lhe avisaram que iriam visitar e iriam visitar para *ficar*. E essa visita inesperada, completamente desprogramada, desestabilizou as estruturas de Crystal. Acontece que, assim como eu, as familiares de Bike ficaram encantadas com o

apartamento e quiseram ficar mais um pouco, o que era para ser uma visita de um dia, uma tarde tomando cerveja e conversando sobre coisas banais, virou duas semanas de puro transtorno, ansiedade e estresse para Bike. Bike me conta que se sentiu invadida, que isso atacou sua subjetividade e identidade. Sua mãe e tia puseram Crystal em um local de submissão para colocar seu próprio conforto acima, o que teria gerado um atrito entre as três. As duas se recusaram a sair da casa de Crystal, e Crystal então não tinha para onde ir, tudo estava péssimo! Bike ficava a maior parte de seu tempo na rua, tentando buscar refúgio em sua outra rede de apoio, seus amigos.

A rede de apoio da Bike consiste em sua maioria de pessoas cis-gêneras, sua mãe e tia são mulheres cis-gêneras e Crystal me conta que encaram sua transgeneridade como um transtorno pessoal que Bike está passando no momento:

Elas acham que as coisas estão acontecendo assim por que eu sou trans, por que agora eu sou a Bike, mas não é assim, sabe? Elas não entendem” (Crystal, 2022)

O que para Bike é angustiante, pois ela se sente constantemente reduzida a esta figura. Durante o acontecimento em que sua mãe e tia se alojaram em seu apartamento, Crystal estava passando por um sério processo de auto descoberta, entendendo questões, entendendo sua identidade e subjetividade, a chegada de sua mãe e tia desencadeou uma complexa reflexão sensível e pragmática sobre suas redes de apoio e relações familiares. Crystal a frente de sua mãe e sua tia não sabe lidar com a sua transgeneridade, a pouco tempo seus familiares descobriram que Bike era Crystal. Nesta relação, Crystal se sente compelida a repetir certos padrões para não ser posta em posições de subalternidade ou de patologização, por ser transgênero, se sente na necessidade reproduzir certas imagens para não ter sua subjetividade reduzida à uma imaginário, uma ideia, ter seus processos de amadurecimento reduzido a isto:

Ah, ela só tá desse jeito por que é trans, e eu não quero que pensem isso, eu ainda estou em um processo muito pessoal de auto descoberta” (Crystal, 2022)

Os processos de auto-descoberta de Crystal envolviam os novos projetos em que ela estava entrando, como o da sua produtora, a Clandestino Records, a Clã, uma produtora de vídeos, músicas, beats, e artistas. A clã é uma produtora fundada por Crystal Bike e seu amigo Rubens, que se conheceram na faculdade, Crystal e Rubens faziam o mesmo curso, e através de interesses em comum criaram entre si um grande

laço de amizade e também um suporte forte o suficiente para criar uma empresa, uma gravadora independente. Compartilhando do mesmo desejo, viver da arte e da música, dos filmes, do sonho, Rubens e Crystal criaram, no pequeno apartamento de Crystal, um lindo palácio, onde as galáxias parecem pequenas em comparação as mentes criativas dos dois.

A Clandestino Records tem como foco produção de artistas, de vídeos e de música. Bike se envolve inteiramente no projeto, a Clã tem um significado muito importante na sua vida, Crystal me diz que todos os artistas que a Clã produz são cis-gêneros, e que ela não se sente muito a vontade de falar sobre seu gênero, falar que é trans para seus amigos ou dentro do mundo artístico em que trabalha, ela sente que de alguma forma, como em sua família, ela também seria estigmatizada:

Eu prefiro não falar que sou não binário, é como se isso fosse me prejudicar, me marcar” (Crystal,2022)

Esse medo de Bike a compele a reproduzir certos padrões de sociabilidade heteronormativa para que seus amigos não a vejam como um “estranho no ninho”. Esses padrões de sociabilidade consistem em não abordar assuntos mais complexos sobre sua identidade e sua subjetividade, se reduzindo para não criar rugosidades nas relações de afetividades criadas entre Bike e seus afetos. Os amigos da Clã esperam que Bike, que não sabem que Bike é também Crystal, esperam que ela perfome uma masculinidade imaginária, por alguns não saberem que ela é trans, que não é compatível com sua personalidade, e alguns por saberem que é trans, lidam com o imaginário de uma feminilidade ideal que também não é compatível com sua personalidade.

A minha primeira interação com os amigos de Bike foi em um em uma festa, um show em uma casa fechada de hip hop, na Ceilândia, perto da minha casa, estava muito animado. Foi surpreendente ver como Bike se tornava uma pessoa mais tímida e reservada, mais calada, observadora, menos expressiva e extrovertida quando perto de seus amigos, pensei que deveria ser o oposto. Parecia um mundo completamente diferente e eu entendia as histórias que ela me contava, amigos próximos mas ao mesmo tempo distantes. Eu fiquei de canto, com uma cerveja e tabaco, Bike também, não parecia muito à vontade com seus colegas. Ficamos confortáveis quando nos distanciamos deles, aí sim podemos conversar de verdade.

A maioria dos amigos de Crystal eram homens cis-gêneros, Bike me contou que a primeira experiência com drogas que ela teve foi com seus amigos e que nessa

primeira experiência, ela se sentiu influenciada e impressionada, deslumbrada, com a possibilidade de adentrar novos mundos e que caiu de cabeça foi com tudo! Maconha é a droga que Crystal mais consome, permite que ela viaje para outros cosmos, outras ontologias, outros espectros. Permite que ela faça mais reflexões sobre o eu, sobre a identidade, sobre seu local no mundo e sobre o ambiente empírico ao seu redor. No momento em que a convidei para pesquisa, Crystal estava fumando muito, isso porque, além do conflito familiar com sua mãe e tia com a visita inesperada, um conflito interno na Clandestino Records também estava acontecendo, e Bike estava muito ansiosa e angustiada.

A resolução do conflito familiar, com a mãe e a tia de Crystal, resultou com elas levando alguns pertences de Crystal consigo e retornando a suas casas, depois de uma longa e péssima discussão, um clima horrível. Com a Clã, foi um pouco mais complicado. O conflito entre a mãe e a tia de Bike partia de um lugar de não aceitação de individualidade, e de negação de identidade, a falta de compreensão de quem se é Bike, e esse comportamento causava em Crystal a sensação de que ela precisava se camuflar, para evitar situações desconfortáveis, eram necessários não se fazer presente, não estar ali, ser transparente. Seguir certas condutas e regras sociais para passar uma certa postura e conduta que não afetasse suas redes de apoio, frágeis, mas tudo que tinha.

Essas condutas e regras significam reproduzir comportamentos heteronormativos e de acordo com a heterossexualidade compulsória, regras contratuais não ditas, mas explícitas e subentendidas socialmente, normas como colocaria Butler (2003), e se assimilar ao máximo do padrão homogeneizador do sistema europeu binário de gênero. Entretanto, os conflitos internos com a Clã, embora similares, possuíam agravantes e particularidades chaves. Os dois conflitos questionavam a identidade de Crystal e sua capacidade de se impor, algo muito discutido entre nós dois, e Crystal se via cada dia mais compelida a se pôr para fora e se mostrar para o mundo, embora isso significasse repressão e subjugação.

No conflito com seus amigos, o conflito acontece também a partir de uma visita inesperada, uma festa inesperada, sem planejamentos antecedentes. Após um longo dia de trabalho, os amigos de Crystal e ela foram para seu pequeno apartamento para uma festa, que se estendeu por mais tempo que o esperado, o que começou a deixar Crystal exausta. Quando o dia começou a virar, e já era outro dia, às 14 horas, Crystal pediu que

seus amigos fossem embora, seus amigos ficaram chateados, e isso causou um conflito entre eles. E como ficaram chateados!, Crystal me conta que não se despediram, e sonolenta como estava, pois tentou dormir enquanto eles festejavam, só conseguiu grunhir palavras mal humoradas de despedidas, por isso acredita que o conflito foi gerado.

Após essa festa inesperada Rubens que fica muito chateado com Crystal, e era uma de suas grandes redes de apoio, decide que não vai mais trabalhar com ela, o que leva a Crystal a abrir sua própria produtora.

As redes de apoio na vida de Crystal são frágeis e sensíveis, assim como na maioria da vida da pessoas LBGTQIA+, o que levou a criação das históricas casas de acolhimento *Ballroom*, no início dos anos 70, que funcionam principalmente como famílias, “**ser não binário é ser solitário**” talvez seja a frase que mais ouvi durante minha pesquisa. Crystal não possui genuinamente ninguém com quem possa se abrir sobre sua identidade e sua subjetividade, em todas as suas esferas ela tem que estar reproduzindo um certo padrão regular. Uma certa norma, respeitando uma heteronormatividade e uma heterossexualidade compulsória, se camuflando, passando despercebida

Crystal repete esses comportamentos para que possa permanecer e ser vista como sujeito, para ter uma vida habitável (BUTLER, 2004), ao reproduzir esses padrões hegemônicos Crystal participa do processo do biopoder. São os maquinários de intervenção do Estado nos sentidos de desejo e identidade do indivíduo. A construção da identidade a partir do desejo daquele que não te deseja. (BENTO,2017)

Política e Gênero se fazem no dia a dia, é uma construção diária, através do meu ingresso na universidade isso se tornou cada vez mais nítido para mim. Eu, um jovem calouro de Ciências Sociais, aprendi que se posicionar diante de absurdos é uma obrigação, aprender a discernir situações e contextos, poder se impor é uma característica necessária para se tornar um cientista social, é necessário entender conflitos e construir análises. Com essa noção de Introdução a Ciências Sociais na mente, eu, um pequeno pupilo no curso de antropologia, decidi entrar em uma greve universitária contra o aumento de preço do Restaurante Universitário, e assim conheci Alfie Éli, em 2018.

Alfie Éli é um ativista político que usa das redes cibernéticas *underground* de forma excepcional para disseminar informação e conteúdo sobre transgeneridade, a comunidade LGBTQIA+ e sobre as particularidades de ser uma Pessoa com Deficiência. Alfie Éli é também universitário de Letras Portugês na Universidade de Brasília. Através das nossas comunicações, afinidades e relações políticas em comum (HARAWAY,1994), conseguimos construir uma rede de afeto através do tecnológico e natural, que foi o que manteve a proximidade da nossa relação. As nossas conversas rondavam prioritariamente sobre o tema das possibilidades de transgressão através da tecnologia, dos ciborgues (HARAWAY,1994), e da mistura do natural com artificial.

No começo, dois jovens revolucionários que estavam indignados com a situação do aumento de 108% do almoço e jantar do Restaurante Universitário, em 2018, que passaram de 2,50 para 5,20, o que era seriamente um absurdo. Eu e Alfie nos conhecemos após toda a invasão e gritaria na reitoria, conheci ele sentado no telhado, fumando um tabaco com uma rodinha de colegas. Quando cheguei, sentei com eles e também acendi um tabaco, surpreendentemente, eles estavam falando sobre gênero, o assunto universal. É até, às vezes, como se gênero estivesse em todo lugar. Nos demos super bem, logo de cara, um assunto que ambos dominam, trocamos redes sociais e nos despedimos.

Desde o momento que conheci Alfie nossa rede de afeto só se tornou mais forte, construímos um laço através de nossas subjetividades e particularidades, compartilhando experiências em comum, que consolidou-se como uma forte rede de apoio para ambos. Quando o convidei para participar deste projeto, ele não pensou duas vezes e logo me disse sim. Alfie me ensinou grande parte do que sei sobre os caminhos de gênero, os mapas que trilhei até aqui e as finas linhas que se cruzam até chegar em centros de energia. Nossos diálogos e trocas abordam questões sobre natureza e cultura, o espaço do tecnológico na sociedade, as dificuldade de ser uma pessoa com deficiência, transgeneridade e feminismo.

Ao conversar com Alfie, ambos compartilhamos intenso interesse pelas redes cibernéticas *underground* e sua potência política. Os movimentos de transgressão possíveis através das redes cibernéticas são transpassados pelo artificial, é a junção do interpessoal da máquina com a individualidade do natural. Alfie tem intensa influência política em suas redes sociais e tem sentimentos conflituosos em relação a isto.

As redes cibernéticas *underground* representam espaços reais e irreais ao mesmo tempo, reais por que esses espaços materializam em contextos fora do espaço cibernético como ações políticas, encontros presenciais, e irreais pois ficam fora do espaço/tempo, não se materializa, são intocáveis. Esses espaços tornam possíveis a criação de redes de apoio, afeto e de afinidade política, elas criam uma ruptura na humanidade, na ontologia da história, no tempo, na natureza, e no cosmos. A interação entre o artificial e o real produz uma rede interligada através de um maquinário, com sua própria fisionomia, trazendo o ciborgue e a transgeneridade como política de possível revolução.

Ao falar sobre o "Feminismo de Estado", Berenice Bento apresenta um descontentamento com suas colegas academicistas que não apresentam solidariedade com pautas relacionadas a causas LGBTQIA+ ou com outros movimentos nas universidades (BENTO, 2017), esse feminismo tende a concordar com concepções naturalistas e hegemônicas de gênero, se esconder na academia e não conversar com outros movimentos, e quando na melhor das hipóteses, trava uma disputa sem fim com o movimento LGBTQIA+ sobre o significado do conceito de gênero. Alfie me conta que os maiores locais que se sentiu pressionado para performar feminilidade era em locais femininos:

“É muito sobre ter crescido em uma família conservadora, aí eu tinha que ser super feminino, aí eu procurei entrar no feminismo me entender lá, mas como eu não era lido como feminino o suficiente não deu certo, não me “aceitaram” sabe” (Alfie, 2022)

Ele continua:

“A verdade é que o feminismo é bucetista até a segunda página. E se eu ficar grávido? Não binário engravida, homem trans engravida. Eu quero direito ao aborto também, eu luto por direitos básicos, qual a dificuldade?” (Alfie, 2022)

Alfie me conta suas angústias e eu lhe ouço atentamente, ele me apresenta questões pertinentes e que traduzem as frustrações encontradas em campo. Alfie aponta estruturas dinâmicas seculares, construídas e impostas socialmente, binárias e hierárquicas que determinam como a necropolítica e o biopoder são exercidos. Éli que usa das redes cibernéticas *underground*, da universidade e da academia, dando palestras e entrevistas, para divulgar as informações sobre transgeneridade, tecnologia e política transgride as barreiras de gênero através do espaço cibernético.

Donna Haraway em 1994 no “Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e Feminismo Socialista no século XX” discorre sobre o Ciborgue, este seria uma criatura do mundo pós gênero. Meio máquina, meio natural, o ciborgue é:

“Um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura da realidade social e também da ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo”(HARAWAY)

Em campo, percebi com Alfie a potência das redes cibernéticas *underground*, a Trans-missão de informação e os cosmos construídos, impérios projetados, é possível perceber como a tecnologia impulsiona o debate acerca do conceito de gênero adiante, e torna tangível a mobilização e organização do movimento LBGTQIA+. A Trans-formação que redes cibernéticas *underground* exercem na vida de Alfie é gigante, é lá que ele compartilha seus pensamentos, projetos e trabalhos. Lá ele estabeleceu redes de afeto, políticas e estruturas que formam a sua personalidade.

As redes de apoio de Alfie consistem prioritariamente de pessoas LBGTQIA+ que ele conheceu através das redes cibernéticas *underground*. Através de afinidades políticas e interesses em comum, foi um dos pontos chave para Alfie descobrir as potências das redes cibernéticas. Alfie é de Macapá e quando se assumiu transgênero, muito de seus colegas se afastaram, e quando se mudou para Brasília, ele se viu sozinho, então as redes cibernéticas foram seu refúgio e esse espaço tempo, que antes era irreal e imaterial, se tornou material, com seus amigos, então Alfie criou as redes de apoio que tem hoje, sua família. Não binários sempre tem outro significado de família não é mesmo?

Durante minha pesquisa em campo, alguns relatos foram bastante comuns e recorrentes. Alguns marcadores sociais acompanham a vida de pessoas transgêneras, como apelidos, humilhações, piadas e brincadeiras. Esses marcadores sociais influenciam na modelagem do perfil social do sujeito que enfrenta essas situações, construindo sua personalidade e dando uma breve pincelada em como o indivíduo vai se comportar diante alguns contextos futuros. Esses marcadores são diversos, como piadas e brincadeiras, apelidos, contarei um caso.

Conheci Ozra através das redes cibernéticas *underground*, e através de tímidas mensagens começamos a conversar. E na conclusão de nossas conversas percebi que, através de anotações e gravações, fizemos uma breve análise sobre feminismo,

sexualidade, gênero e família. Neste projeto busco trazer uma parte de nossa troca de experiências, o que Ozra me trouxe como informação de campo, suas experiências, ideias, propostas e traduções.

Ozra me conta que sua experiência com o feminismo sempre foi muito violenta, por se entender como uma pessoas transgênera não binária muito cedo, a noção de não pertencimento e não acolhimento lhe veio muito cedo. Ozra sabia que mesmo através das afinidades políticas dos movimentos o feminismo não permitia que ele coubesse lá. Em minha experiência em campo pude observar que o “Feminismo de Estado” exibe um domínio do controle do significado de gênero que permite com que alguns indivíduos sejam excluídos do movimento sem qualquer objeção. Esse feminismo traduz “gênero” para “mulheres cis-gêneras” e qualquer individuo que não se enquadre nesse padrão binário não é permitido dentro do movimento, não será acolhido.

“.....Eu primeiro me descobri como o outro não hetero, depois o outro não menina, ai é só você se descobrindo o outro do outro...E aí elas sei lá aí... você vê que não é pra você, elas não te acolhem sabe?”(Ozra, 2022)

O domínio e a disputa pelo significado do termo gênero gera impacto sobretudo na vida dos sujeitos dissidentes, perturbando suas relações, posições sociais, em sua subjetividade, e questionando o próprio caráter de humanidade dos sujeitos (BUTLER, 2004).E então a naturalização dessa disputa, que torna o Brasil o país que mais mata transgêneros no mundo, e com a quinta maior taxa de feminicídios, que insiste em manter a discussão e os debates sobre gênero fora das escolas, imaculados dentro do sistema superior acadêmico, estigmatiza e patologiza indivíduos. Pois se me lembro bem, em Junho de 2015 foi negada a proposta da inclusão de “estudos de gênero” no Plano Educacional.

Em sua infância, Ozra nunca foi uma criança dentro das expectativas binárias de gênero o que causava um desconforto para as pessoas ao seu redor. Agir fora da norma era, pra ele, estar dentro da norma. Ozra apresentava uma performance de gênero mais masculinizada, que se desprendia do imaginário que ele deveria representar, que lhe havia sido designado. Ozra é um transgênero não binário, então agir “mais masculino” pra ele não era um problema, era uma vontade natural, espontânea, porem, as regras exigiam, devido os padroes culturais, que devido as relações criadas entre sexo-genero que ele se comportasse de forma feminina, que ele se recusava, o que o fazia ser lido, como “maria sapatão”.

“Maria Sapatão” é um apelido comum para transgêneros não binários e para mulheres lésbicas, se atribui a uma feminilidade que não é “feminina o suficiente”, que não se enquadra perfeitamente nas expectativas sociais programadas para ela. Ozra diz que era muito comum ouvir este apelido na escola e que ele o seguiu durante todo o ensino fundamental. Ozra me conta suas experiências no fundamental com pesar, sua aparência extrovertida e alegre toma tons sérios, duros. Com muitas dores, ele me conta as dificuldades de ter sido uma criança transgênero, sobre o sobrepeso na infância e das violências que sofreu, a solidão de se sentir envergonhado e não ter ninguém pra contar os abusos que sofria na escola, que eram verdadeiramente sérios, a esperança e força de acreditar que tudo iria melhorar. Ozra chegou a ser empurrado de uma escadaria, enquanto criança, de uma rampa, e os funcionários da escola riram, de forma penetrante.

A mudança de relações na vida de Ozra se deu a partir do momento em que ele se mudou de escola e entrou no Ensino Médio, lá ele encontrou seus verdadeiros amigos e “família”, sua rede de apoio. Quando Ozra entrou no Ensino Médio ele trocou de escola, fez novos amigos, e uma nova teia de relações, criando conexões reais que se estendem até hoje. As redes de apoio de Ozra consiste majoritariamente de pessoas LGBTQIA+ que ele conheceu através da faculdade, das redes cibernéticas *underground*, e antigos colegas de escola. Os amigos de Ozra funcionam como forte estrutura emocional na vida dele, são grandes vínculos emocionais interligados, que fortalecem sua identidade e subjetividade, e forjam importantes movimentos e agitações que elaboram ideias reflexivas sobre o eu e outro na mente de Ozra.

Quando digo que Ozra encontrou sua família, quero dizer que fincou laços tão fortes quanto os co-sanguíneos, resistentes e que perduraram com o tempo. Essas amizades aceitam as reflexões propostas por Ozra, suas subjetividades, seus traços, caminhos, linhas e quinas trincadas. Ozra encontra nesses laços conforto, refúgio, afetos e lugares para chamar de casa. Ozra me conta que em sua experiência, quando decidiu contar para sua família consanguínea que era um transgênero não binário eles reagiram com estranhamento e desconforto. Não souberam e não sabem lidar até hoje com a situação. Ozra relata que houve um afastamento abrupto de sua família:

“Eles se afastaram de mim, e não foi nem tipo só parar de falar comigo, eles começaram a falar mal de mim, eu chegava nos lugares e parecia que o cara do delivery da pizza chegou sabe..” (Ozra)

Com exceção de sua mãe e tia, o resto da família e Ozra se afastam de forma repentina e brusca pois ele se assume como pessoas transgênero. Para Ozra, apesar de um choque no início, ele me conta que se acostumou, mas que ainda tem sonhos sobre isso, com músicas tristes e melancólicas, sobre dar uma festa e não poder chamar sua família. Ozra se acostumou com o fato de não ter uma família consanguínea como suporte emocional e rede de apoio, por esta achar que ele deveria se enquadrar em um padrão hegemônico binário de gênero. Ele diz que se acostuma pois ele se recusa a entrar nesse padrão, e eles não vão mudar de ideia, então o que resta é se acostumar. Através de muita terapia e reflexão, Ozra conclui que ele não precisa da aprovação destes familiares para se sentir um sujeito completo e que a família que ele construiu, com seus amigos, e agora, familiares também, é suficiente.

Através das minhas conversas com Ozra pude discutir mais sobre as problemáticas envolvendo o feminismo, alguns marcadores sociais envolvendo a transgeneridade, a solidão dos indivíduos transgeneros e como são construídas as relações sociais dos sujeitos. Reconfigurando o sentido de família, construindo e ressignificando afeto, não binários vão trilhando novos futuros, para talvez pensar possíveis ferramentas e biotecnologias de Tran-gressão.

Em campo, após densa revisão de literatura, busquei adentrar as formas de controle de homogeneização de identidades, propor discussões, debates e gerar reflexões usando o instrumento analítico de gênero e suas interseccionalidades. Busquei entender os dispositivos usados para a manutenção do sistema hegemônico e binário de gênero, a padronização corporal, os impactos dessa nas subjetividades dos indivíduos, e quais seriam as possibilidades de inversão e criação neste sistema. Através de descrição, gravações, mensagens e interações nas redes cibernéticas *underground*, trilhei laços e caminhos que demonstraram as limitações e as flexibilidades do conceito de gênero, sua flutuabilidade e suas Trans-mutações.

Procurei entender o impacto de gênero nas relações e nas identidades dos indivíduos, como se deu a construção desse conceito, e o impacto da disputa acadêmica do significado deste termo na subjetividade dos indivíduos. Foi observado que foram construídas armadilhas institucionais e políticas que criam barreiras entre os movimentos e impedem a comunicação entre os sujeitos, linguagens parecidas mas que

por algum motivo não se encontram no caminho. Pessoas transgêneras não binárias transmasculinas e transfemininas acompanhadas durante o projeto se sentiram diversas vezes deslocadas do tal “Feminismo de Estado”, um feminismo que “parou no tempo” que não se envergonha de ter características coloniais ou de excluir outras identidades.

Esse feminismo não reconhece as pautas em comum com o movimento Transgênero, e o subalterniza por completo, não prestando solidariedade, concordando com a hegemonia sexo-gênero, subalternizando e não-humanizando os sujeitos, baseando-se na relação sexo-gênero-sujeito para lhe classificar socialmente, ditando quem é permitido ou não, vigiando a porta de entrada do Feminismo. Essa armadilha binária, não permite que as políticas públicas e os debates sobre gênero, que são em sua maioria dominado por ONGs feministas e mulheres cis-gêneras, avance, essa visão binária que apenas mulheres cis-gêneras são permitidas dentro do feminismo, que as políticas públicas são para mulheres cis-gêneras, os projetos são para mulheres cis-gêneras, faz com que corpos dissidentes se sintam permanentemente excluídos.

Esse feminismo não oferece rede de apoio a pessoas não binárias transmasculinas ou transfemininas, que buscam nas redes cibernéticas *underground* laços de afeto e redes de apoio, resignificando e trazendo um novo significado à palavra família. As redes cibernéticas *underground* funcionam como um importante veículo de informação, para criação de vínculos e projeção de cosmos e palácios impenetráveis. Nesses espaços são construídos vínculos através do natural-artificial que servem como estrutura para formação de identidades e modelagem de subjetividades, que são ao mesmo tempo imateriais e materiais.

Essas redes, imaginárias e intocáveis, se tornam fortes o suficiente para consolidar, e materializar espaços reais. É possível construir e revolucionar lugares de forma natural e artificial? Através do meu estudo em campo e de minhas análises, vejo que no caso dos banheiros neutros de Klaus, onde tudo foi organizado de forma online, a chamada dos voluntários, o vídeo de divulgação, o preparo dos lambes, as reuniões de equipe, e ao mesmo tempo presencialmente, a colagem dos lambes, a última reunião, o piquenique, talvez, o natural e o artificial estejam muito mais interligados do que acreditamos. As possibilidades de Trans-gressão através das redes cibernéticas *underground* explora a ideia de futuro de maneira biotecnológica e ciborguiana, em um

mundo menos binário e hierarquizado, tentando trazer uma reflexão interseccional sobre gênero, tecnologia e sociedade.

## Conclusão

Através de cuidadosa revisão de bibliografia e coleta de dados etnográficos, foi possível construir uma pesquisa que atravessa o mundo material/imaterial com a ajuda do cibernético. O trabalho buscou apresentar uma visão biotecnológica das questões relacionais entre gênero, sexualidade, individualidade e Estado. Uma tentativa de discutir gênero em sua forma mais artificial e, ao mesmo tempo, mais natural possível, entra como uma vontade de entender a sociedade através de dispositivos hierárquicos seculares e que são usados, também, como ferramentas de capitalização.

O *Underground Cibernético* apresenta possibilidades de transgressão e de acolhimento para pessoas dissidentes que tentam de maneira mais desesperada construir conexões, movimentos revolucionários e a própria noção de “Eu”. Por meio de linhas espaciais e artificiais, o *Underground Cibernético* serve como campo para construção de mundo e de palácios próprios, refúgios onde indivíduos abraçam suas particularidades e encontram outros parecidos consigo. Pessoas LGBTQIA+ se fortalecem nesses refúgios, em uma junção entre máquina e humano.

Cria-se então um extenso campo para o debate e a junção entre as relações de Gênero, vários “ciborgues” (HARAWAY, 2000), com um extenso conhecimento sobre gênero e suas interseccionalidades, se apresentam com suas particularidades e individualidades. As micro tecnologias envolvidas no mundo ciborgue envolvem e ditam as relações de gênero e suas aplicações políticas, e demonstram seus embates na materialidade e no mundo virtual.

Através do caso do Klaus, é possível observar a influência do mundo cibernético na materialidade e as movimentações online influenciando no mundo “real”. No caso de Klaus, um movimento que tem início sutil na internet, uma luta em torno de banheiros neutros dentro de universidades, torna-se um processo ciborguiano com aplicações políticas materiais. Foram implantados no total dois banheiros neutros na Universidade de Brasília, embora uma pequena vitória, uma vitória. Após grandes críticas e embates com os movimentos feministas da UNB, os banheiros foram adotados, porém,

continuam na marginalização (são de difícil acesso) , são apenas dois e ficam fora do “minhocão”. Um banheiro fica no Instituto de Artes e o outro no CET, os alunos LGBTQIA+ decoraram os banheiros com muito carinho, então se tiver interesse, trate de passar por lá!

Os embates entre os movimentos Feministas da Universidade de Brasília e o movimento UNB Neutra, que lutava pelos banheiros neutros, demonstra as dificuldades de construção de afinidades políticas entre esses dois movimentos. Na pesquisa, o que é posto como “Feminismo de Estado”, se apresenta de maneira particular: opressora e exclusora. As interseccionalidades entre os movimentos políticos não são levadas em conta, colocando indivíduos LGBTQIA+ ainda mais em local de marginalização.

Através da pesquisa, foi possível observar que sujeitos transmasculinos e não binários não se sentem integralizados no “Feminismo de Estado”, este age como um dispositivo também hierárquico de gênero onde a categoria “mulher cis-gênera” tem o poder de fala e de luta. Esse feminismo apesar de atender demandas específicas de mulheres cis-gêneras não se encarrega de tratar sobre as pautas referente a outros assuntos interseccionais a gênero, como raça, classe e individualidade. Esse feminismo se instala em um período histórico muito específico no Brasil, e sua influência permanece até hoje, enferrujando as ONGs e os movimentos Feministas nas Universidade, onde mulheres cis-gêneras são as únicas permitidas dentro do movimento, qualquer outro sujeito é excluído.

A exclusão de pessoas LGBTQIA+ na sociedade estipula que esses sujeitos sigam uma vida de isolamento, “**ser não binário é ser solitário**”, frase dita por Crystal em sua entrevista, demonstra o vácuo que esses indivíduos são condicionados. Com redes de apoio frágeis, pessoas transtravestigêneras buscam apoio no mundo cibernético *Underground* onde podem criar diários de suas vivências e experiências. Os palácios online permitem que a ideia autoritária de sexo deixe de existir e esses sujeitos se tornem quem sempre desejaram ser, brincando com a ideia de gênero, sexualidade e performatividade.

As redes online funcionam também como mecanismos de validação de gênero, as relações construídas permitem que o “eu” se mantenha através do “tu”, o vínculo de relação criado é como Judith Butler explica em *Violência, Luto e Política*:

“Quando perdemos certas pessoas ou quando somos desapossados de um lugar ou de uma comunidade, podemos sentir simplesmente que estamos a passar por algo temporário, que o luto vai acabar e que alguma restauração da ordem anterior será alcançada. Mas, talvez, quando passamos pelo que passamos algo sobre quem somos é revelado, algo que delinea os laços que temos com os outros, que nos mostra que esses laços constituem o que somos, laços ou vínculos que nos compõem. Não é como se um “eu” existisse independentemente aqui e simplesmente perdesse um “tu” ali, especialmente se o vínculo ao “tu” faz parte do que compõe quem “eu” sou. Se eu perder um “tu”, nessas condições, não me limito a fazer o luto pela perda, mas torno-me inescrutável para mim mesmo. Quem sou eu sem o “tu”? Quando perdemos alguns desses laços pelos quais somos constituídos, não sabemos quem somos ou o que fazer. Num certo nível, acho que perdi o “tu” apenas para descobrir que o “eu” também desapareceu. Num outro nível, talvez o que eu perdi no “tu”, aquilo para o que eu não tenho palavras, seja uma relacionalidade que não é composta exclusivamente por mim nem por “ti”, mas que é concebida como o laço pelo qual esses termos são diferenciados e relacionados.”(BUTLER, 2018)

Através dessa construção de conexões, são criadas novas redes de apoio e novos amigos que trazem um novo significado para a palavra **família**. Família na rede cibernética diz respeito aos amigos e indivíduos que você conheceu ao longo de sua jornada online e que estiveram com você durante suas crises, que estavam disponíveis quando ninguém mais estava, a apenas uma mensagem de distância. Essas ligações podem se tornar físicas ou não, mas a potência transformadora dessa conexão continua a mesma.

Durante a pesquisa foi possível acompanhar a transformação do campo, minha transformação e dos meus interlocutores. A busca pelas capacidades de subversão da rede cibernética *Underground* e a chance de adentrar em debates sobre interseccionalidade, gênero e individualidade, foram os objetivos principais deste trabalho. A luta pelos direitos LGBTQIA+ continua avançando e a rede cibernética *Underground* se mostrou uma forte aliada, o engajamento e a popularização das pautas LGBTQIA+ continua sendo o enfoque do movimento cibernético *Underground*.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BENTO, Berenice. “Transvi@dos: gênero, sexualidade e direitos humanos” EDUFBA. Salvador: 2017

BENTO, Berenice. “Sexualidade e experiências trans: Do Hospital a alcova”. Rio de Janeiro. 2012.

BUTLER, Judith. “Deshacer el Género”. Routledge. United States. 2004.

HARAWAY, Donna. “Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. 1985

LAQUEUR, Thomas. “Inventando Sexo: Corpo e gênero, dos gregos a Freud”. Relume Dumará. 2001.

PINO, Nadia Perez. “A teoria queer e os intersex”. 2007

PASSOS, Giselli, CASAGRANDE, Lindamir. “Homens (trans): da invisibilidade às

RODRIGUES, Alesxandro, SODRÉ, Francis, CARDOZO, Pablo. “Regulamentação da vida no processo transexualizador brasileiro: uma análise sobre a política pública”. Florianópolis. 2016.

SIMIÃO, Daniel Schroeter. “Itinerários Transversos: Gênero e o campo das organizações não-governamentais no Brasil” Publicado em: ALMEIDA, Heloisa Buarque et.all. (orgs.) Gênero em Matizes. Bragança Paulista: Ed. Universidade São Francisco, 2002

transmasculinidades na educação”. Publicado em: Cadernos de gênero e tecnologia v.11. n37. Curitiba. 2018